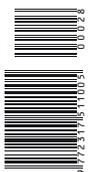


Cumbuca

Aracaju - Ano VIII • Nº 28 - Julho/20 • R\$10,00



ISSN 2317-5117



EDISE

SERGIPE comemora o seu
BICENTENÁRIO



AMOR PRA MAIS DE 200 ANOS

8 de julho

**Bicentenário da
Independência de Sergipe**

Quem pisa nesta terra compartilha a história daqueles que lutaram por um chão com nosso nome e nossas conquistas. Apesar dos tempos difíceis, seu povo é forte e corajoso. Com garra e determinação vamos superar cada dificuldade e continuar escrevendo um novo capítulo.

**OITO DE JULHO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE SERGIPE
UM AMOR PARA MAIS DE DUZENTOS ANOS!**



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Clara Macedo

Gabi Etinger

Liz Carvalhal

Revisão

Yuri Gagarin

Cândida Oliveira

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Terezinha Alves de Oliva - historiadora • Edna Maria Matos - historiadora • José de Almeida Bispo - historiador • Francisco Gualberto - poeta • Izabel Nascimento - cordelista • Hot Black - rapper • Claudfranklin Monteiro Santos - historiador • Yago Andrade - jornalista • Gilfrancisco Santos - jornalista

Cumbuca

Ano VIII | Número 28

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado Geral de Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Milton Alves

Diretora Administrativa Financeiro

Fabiane Leal Mattos Mello

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

carta ao leitor

A 28ª edição da revista **Cumbuca** traz uma homenagem ao Bicentenário da Emancipação Política de Sergipe. Três textos contam um pouco dessa história.

'Vamos festejar!' de Terezinha Alves de Oliva, onde ela relata as comemorações do Centenário em 1920; 'Sergipe nas Independências: percursos da difícil luta por autonomia', da professora Edna Maria Matos e 'José Matheus da Graça Leite Sampaio: o herói ignorado', texto de José de Almeida Bispo explica o que e quem inspirou D. João a concretizar a Independência de Sergipe.

O leitor vai conhecer a poesia de Francisco Gualberto e também a história do poeta cordelista João Firmino Cabral, 'O box do cordel, um legado de João Firmino Cabral, no mercado de Aracaju', na escrita de Izabel Nascimento.

O rapper Hot Black em "Eu 'tava' lá!" narra como o Hip Hop desembarcou em terras sergipanas. 'O (sub)sumiço de Santa Isabel, e as festas juninas', de Claudfranklin Monteiro explana como as comemorações em torno da mãe do profeta João se arreversaram consideravelmente, e sobressaiu-se o trio junino, eminentemente masculino.

Em 2021 o jornal alternativo Folha da Praia completa 40 aos, e sua história é contada por Yago Andrade em 'Folha da Praia – um mergulho na história do jornalismo alternativo em Sergipe'. A revista encerra com o texto 'Jordão de Oliveira, poeta-pintor: primeiros anos', de Gilfrancisco Santos.

Boa leitura!

Amaral Cavalcante - editor



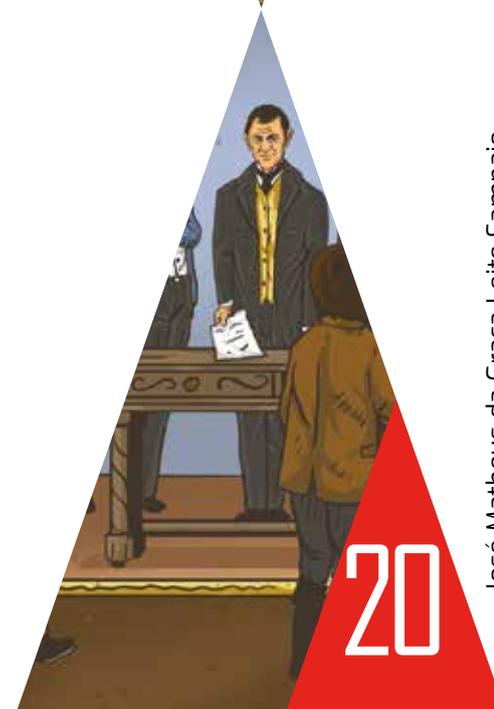
Capa:

Fábio Sampaio
da série "Serigy or
not Serigy"



Vamos Festejar!
Terezinha Alves de Oliva

Sergipe nas Independências: percursos
da difícil luta por sua autonomia
Edna Maria Matos



José Matheus da Graça Leite Sampaio,
o herói ignorado
José de Almeida Bispo



24

Poesia
Francisco Gualberto



30

O box do cordel, um legado de João Firmino Cabral no mercado de Aracaju
Izabel Nascimento



38

Eu 'tava' lá!
Hot Black



46

O (sub) sumiço de Santa Isabel e as festas juninas
Claudefranklin Monteiro Santos



50

Folha da Praia - um mergulho na história do jornalismo alternativo em Sergipe
Yago Andrade



68

Jordão de Oliveira, poeta-pintor: primeiros anos
Gilfrancisco dos Santos

VAMOS FESTEJAR!

*Terezinha Alves de Oliva

A independência de Sergipe começou a ser comemorada em 1836. Naquele ano, em 24 de outubro, a cidade de São Cristóvão se engalanou para a primeira festa da Emancipação Política, dezesseis anos depois da Carta Régia que, em 8 de julho de 1820, proclamou a separação entre Sergipe e a Bahia. A data festiva gerou um dos mistérios da trama da Emancipação. Muito se tentou explicar por que o 24 de outubro se tornou o dia da festa. Ainda no século XIX, Laudelino Freire chegou à

São Cristóvão teria tomado conhecimento da Carta Régia” (Nunes, T: 2000, p. 243).

O fato é que em 1836 ainda estava viva a geração que presenciou tanto as alvíssaras quanto a tragédia da Emancipação: por que a nova data? Então, um solene *Te Deum*, o canto de louvor e agradecimento a Deus, reuniu na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória as autoridades e a “boa sociedade” de São Cristóvão. A Comissão Organizadora da festa teve um problema: nenhum orador se disponibilizara a ocupar o púlpito e fazer a pregação daquele dia. Frei José de Santa Cecília, professor e orador do Convento São Francisco da Bahia, estava em sua terra, procurando recuperar-se de uma moléstia. Consultado, apesar do estado de saúde, não apenas aceitou ser o orador da solenidade, como ainda fez o arranjo do Hino Sergipano, inspirado em trecho da ópera *L'italiana in Algeri*, de Rossini.

O Hino seria executado na festa, com letra do poeta Manoel Joaquim de Oliveira Campos, que convoca os patrícios sergipanos a festejarem o “dia brilhante” da Emancipação. Anunciam-se nele as batalhas pela memória da narrativa sobre a liberdade tão arduamente conseguida. Este foi, aliás, o tom da oratória do Frei Santa Cecília na cerimônia do *Te Deum*. Pelo discurso, o Frade terminou enfrentando perseguições e chegou a sofrer um atentado à sua vida, face às polarizações ainda

Bandeira de Sergipe



Brasão de Sergipe

conclusão de que a data se impôs pela consagração popular e pela força do hábito. Thetis Nunes, pesquisando no Brasil e em Portugal e nada encontrando a respeito, acredita que é a data em que “a Câmara de



Um solene *Te Deum*, o canto de louvor e agradecimento a Deus, reuniu na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória as autoridades e a “boa sociedade” de São Cristóvão.



muito presentes, entre os que foram partidários da Independência e aqueles que, na ocasião, a ela se opuseram, apoiando a posição da Bahia. Historiador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Carvalho Lima Júnior conseguiu recuperar trechos do discurso de Santa Cecília, como este:

“Vós, mais afortunados que os Israelitas, não caminhais por árduos desertos apenas guiados pelo archote noturno de uma estrela: aqui mesmo desfrutais bênçãos do Céu e vantagens da Mãe Pátria. Sois independentes, sois livres; mas não deixeis cair das mãos o Prisma da vossa imortal glória, que então se quebrará. Amai-vos mutuamente, uni-vos Sergipanos; firmai vosso caráter na base da União, essa Rainha das virtudes, bálsamo dos trabalhos da vida, centro donde partem todas as luzes da política, corda guiadora de todos os sons da harmonia social, enfim, mar imenso de todas as venturas que podem afortunar um Povo livre, uma Nação, um Estado”. (Santa Cecília citado por Lima Júnior, F. A. C. Revista do IHGSE: 1920, p. 81)

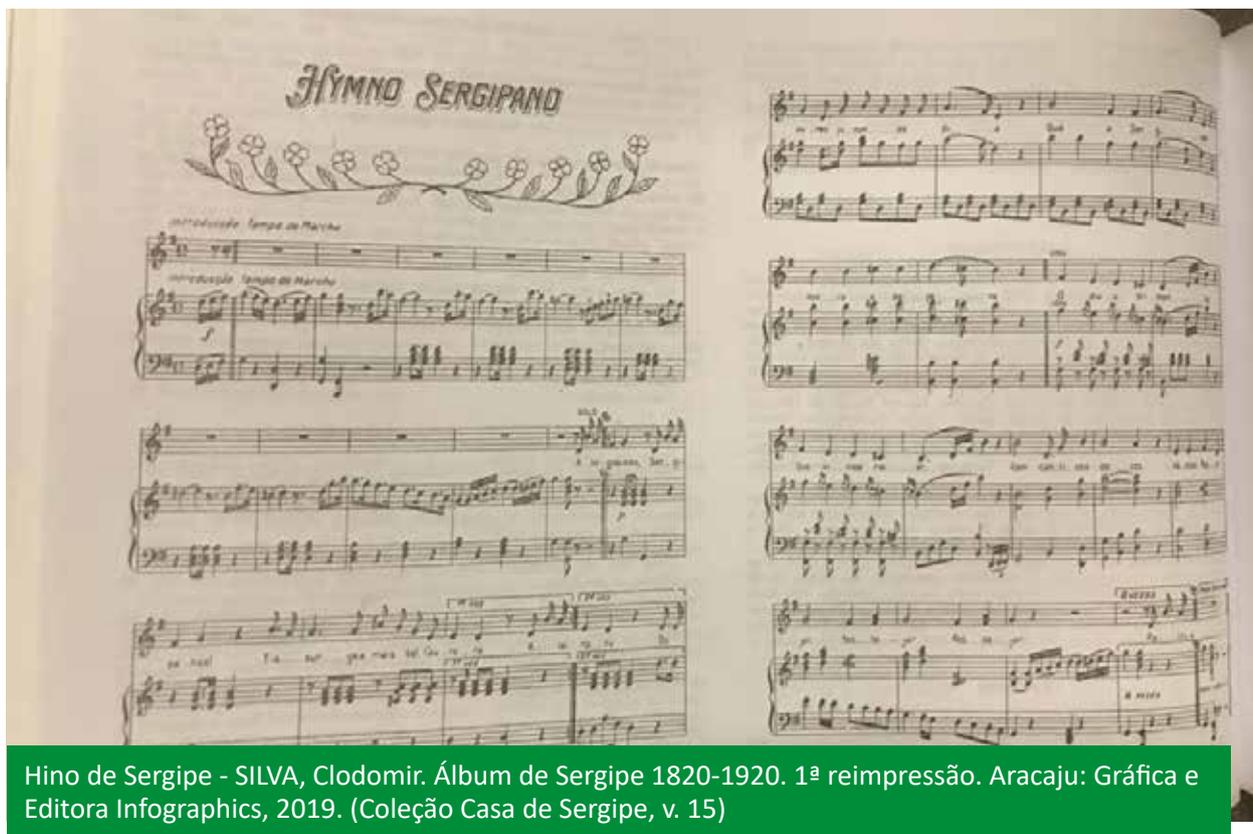
Frei Santa Cecília, diz o historiador citado, além de latinista, músico e grande orador, era corajoso e audaz. Na comemoração oficial, não deixou de lembrar a divisão política que, em 1820, fizera grande parte da elite sergipana apoiar os “constitucionalistas” da Bahia, aderentes à Revolução do Porto. Disso resultou, em começos de 1821, a prisão do governador Carlos César Burlamaqui que se recusara a jurar a Constituição a ser estabelecida

em Portugal, argumentando fidelidade ao rei D. João VI que o nomeara governador de Sergipe. Com a prisão do governador em humilhante situação no Forte do Mar, em Salvador, a Carta Régia tornou-se letra morta e Sergipe voltou a ser subordinado à Bahia. Somente depois da Independência do Brasil, já em dezembro de 1822, o Imperador Pedro I reconheceu a validade da Carta Régia e Sergipe recuperou sua independência, que passou a comemorar a partir de 1836.

Em palestra proferida no Simpósio do XLV Encontro Cultural de Laranjeiras, a antropóloga Beatriz Dantas resgatou, através do memorialista cristovense Serafim Santiago, as celebrações populares do 24 de outubro nas ruas da velha capital, palco dos acontecimentos de 1821.

A tradição inaugurada em 1836 foi seguida em outras





Hino de Sergipe - SILVA, Clodomir. Álbum de Sergipe 1820-1920. 1ª reimpressão. Aracaju: Gráfica e Editora Infographics, 2019. (Coleção Casa de Sergipe, v. 15)

idades sergipanas. Em São Cristóvão, a população tomava as ruas, enfeitadas com arcos e atapetadas com folhagem perfumada, e os cortejos com folguedos populares também acompanhavam o repetido canto do Hino Sergipano, que conclama:

*Eis, patrícios sergipanos,
Nossa dita singular,
Com doces, alegres cantos
Nós devemos festejar.*

O Hino Sergipano é o mais antigo símbolo do Estado. Expressa, na insistente convocação à festa e na louvação da liberdade, a necessidade de união e do sentimento de amor à autonomia. Por isso, o poema de Manoel Joaquim de Oliveira Campos não canta as belezas naturais ou as riquezas da terra. Seu tema é a neces-

sidade de união para manter a independência e, apesar de tudo, as boas relações com a Bahia, a “Província maior”, relações que eram, então, vitais para a economia sergipana: “Mandemos, porém, ao longe/ Essa espécie de rancor/ Que inda hoje alguém conserva/ Aos da Província maior. / A união mais constante/ Nos deverá congratuar/ Sustentando a liberdade/ De que queremos gozar” (Hino Sergipano).

É uma pena que os sergipanos de hoje não conheçam o seu Hino, ou não compreendam o significado do apelo que dá conteúdo à sua letra. Ele é um dos bens do nosso patrimônio cultural, que interpreta aquela situação histórica cujo Bicentenário estamos celebrando em 2020. É fruto do esforço de construção de uma identidade para os habitantes de Sergipe, após o turbulento período político com-



Frei Santa Cecília na comemoração oficial, não deixou de lembrar a divisão política que, em 1820, fizera grande parte da elite sergipana apoiar os “constitucionalistas” da Bahia, aderentes à Revolução do Porto.



preendido entre a Emancipação e as agitações dos primeiros governos da Província. Como mostrou a palestra da Professora Beatriz Dantas, este trabalho começou naquele ano de 1836, com as festas da Independência e perpetuou-se por “anos a fio”. (Dantas, B: 2020).

O Centenário da Emancipação Política, em 1920, foi um momento evidente desse processo. O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) se preparou para liderar as celebrações. Criado em 1912, o Instituto reunia um grupo de intelectuais que tinha o objetivo de cultivar os estudos de História, de Geografia e de cultura sergipana, organizando biblioteca, pinacoteca, museu e arquivo especializados na memória de Sergipe. Aquele grupo de intelectuais trabalhou para criar a comunidade espiritual dos sergipanos, pe-

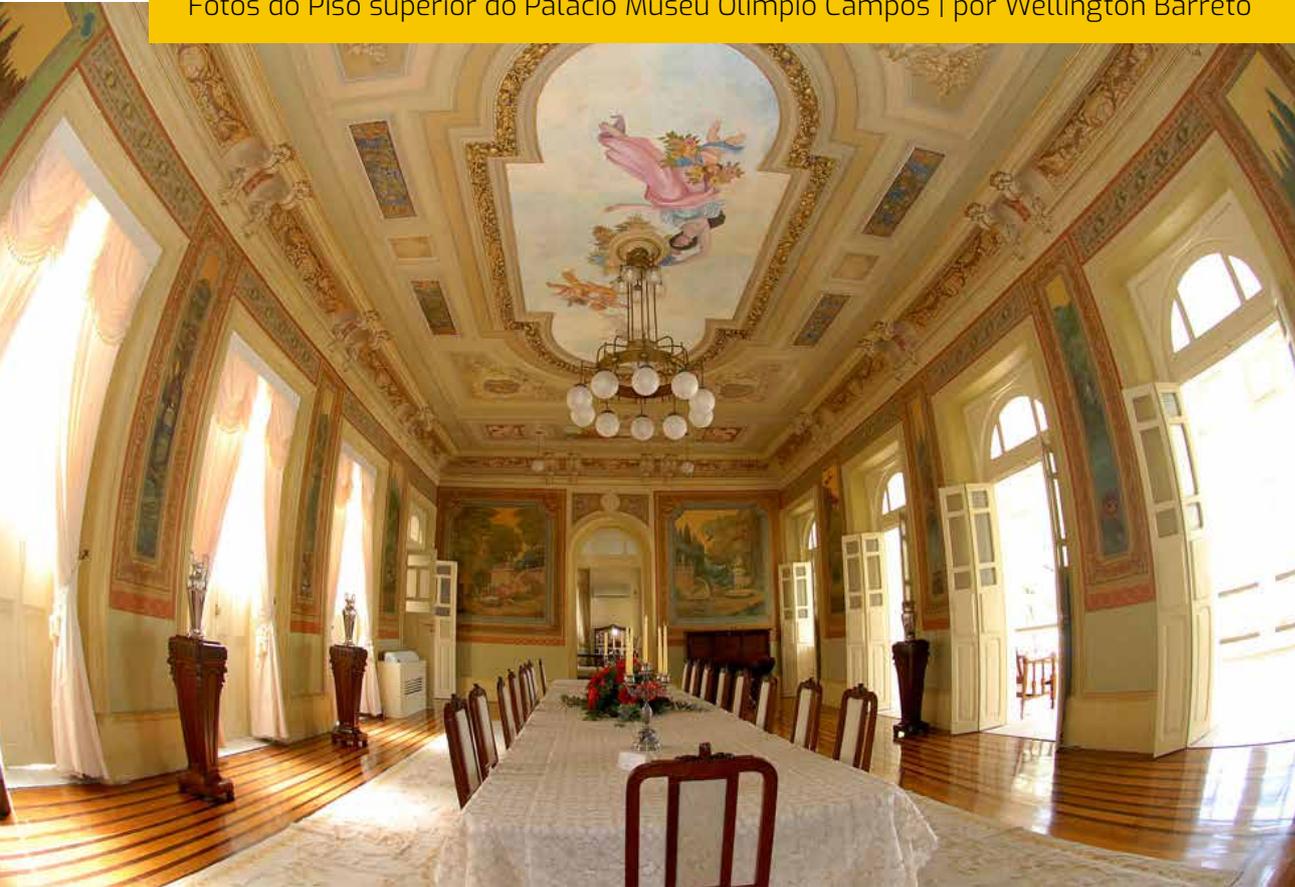
las suas tradições, festividades, personalidades, monumentos e História. Assim, os confrades do Instituto estavam prontos para aproveitar o Centenário da Emancipação e torná-lo a grande ocasião a dar curso ao projeto do sodalício.

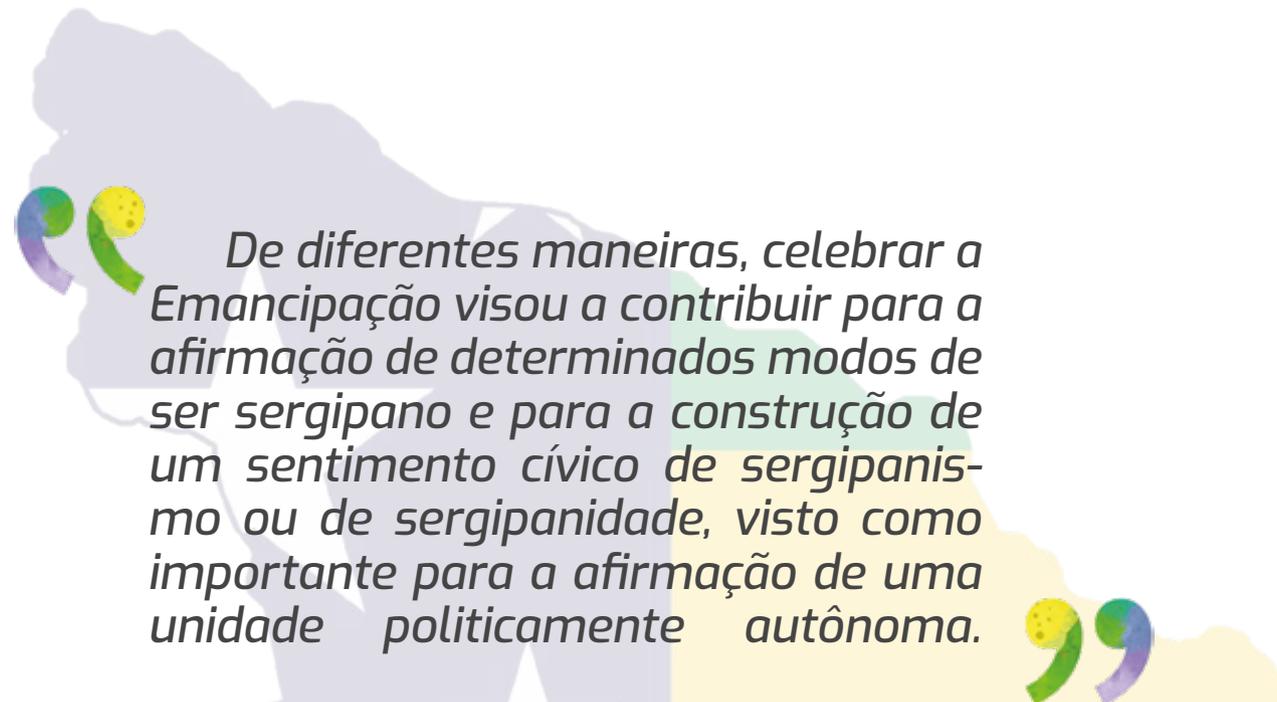
Os preparativos tiveram início um ano antes. Em 9 de fevereiro de 1919, no Palácio do Governo, com a presença do governador, Coronel Pereira Lobo, do Bispo Diocesano, D. José Tomaz, do Capitão



Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
Foto: Biblioteca IBGE

Fotos do Piso superior do Palácio Museu Olímpio Campos | por Wellington Barreto





De diferentes maneiras, celebrar a Emancipação visou a contribuir para a afirmação de determinados modos de ser sergipano e para a construção de um sentimento cívico de sergipanismo ou de sergipanidade, visto como importante para a afirmação de uma unidade politicamente autônoma.

dos Portos e de outras autoridades, além de representantes da imprensa e de sócios do Instituto, foi criada uma Comissão Executiva. Ela deveria, segundo Caldas Barreto, Presidente do IHGSE, “solenizar com toda magnificência e esplendor”, o “feito mais nobilitante da nossa história”, proclamado pela Carta Régia de 8 de julho. (Barreto Netto, Revista do IHGSE: 1920, p. 20). Mas, contrariando o Instituto Histórico, Pereira Lobo decidiu que a festa oficial ocorreria no dia 24 de outubro, a data da tradição popular.

Foram propostas do IHGSE: erigir um monumento a Tobias Barreto; cunhar medalhas de bronze alusivas ao I Centenário; publicar um número especial da Revista do Instituto Histórico; publicar o Álbum Ilustrado de Sergipe; fazer uma Exposição Industrial dos produtos de Sergipe e confeccionar a bandeira oficial do Estado. O Instituto realizou a sessão solene do Centenário com palestra de Costa Filho, no dia 8 de julho; liderou a subscrição popular para a estátua de Tobias Barreto; conseguiu publicar o número especial da Revista e contribuiu para o monumental

Álbum de Sergipe, escrito por Clodomir Silva. Mas teve que aceitar a inclusão das suas propostas na festa organizada pela Comissão do Governo do Estado, encabeçada pelo prefeito de Aracaju, Antônio Baptista Bittencourt e realizada entre os dias 23 e 27 de outubro. Segundo Ibarê Dantas, os sócios do Instituto “submeteram-se ao cerimonial do governo e elogiaram-no pela sua contribuição na homenagem ao grande filósofo sergipano [Tobias Barreto]...” (Dantas, I, 2012, p. 84).

A exposição industrial foi transformada em Exposição dos Produtos de Sergipe e abriu oficialmente a festa, na véspera do grande dia, enquanto em duas praças da capital, todos os dias da semana, houve cinema ao ar livre, bandas de música e fogos. Às cinco da manhã de 24 de outubro teve início a Alvorada, seguida do *Te Deum* na Catedral, parada militar na Praça Fausto Cardoso e inauguração da estátua de Tobias Barreto na Praça Pinheiro Machado (atual Tobias Barreto), enquanto à noite abriram-se as portas do Palácio do Governo para um banquete e um baile de gala. No dia 25 houve um



Palácio Provincial | Foto: Heitor Xavier

passeio no Horto de Ibura, o “Garden Party”, e à noite, um baile popular no Cinema Rio Branco.

Já no dia 26 foi lançada a pedra fundamental do que seria o Teatro São Cristóvão, em Aracaju (que não teve prosseguimento) e aconteceu na Praça Fausto Cardoso, uma “batalha de confete” ou seja, o carnaval do Centenário, enquanto no “Club dos Diários”, uma recepção de gala encerrava o dia. Fechando as comemorações, no dia 27 de outubro realizaram-se regatas com a disputa da Taça do

Centenário; a Exposição de Produtos se encerrava com um *Five o'clock tea* e uma *Soirée chic*, no Recreio Club fechava a semana de festas. (Jornal Correio de Aracaju, 25/9/1920).

O estudo das manifestações festivas tornou-se objeto de atenção dos historiadores, pelo que pode revelar da sociedade. Interpretadas de diferentes maneiras através do tempo, as festas têm sido vistas também como meios para a construção de uma solidariedade comunitária. A quebra da rotina cotidiana e o lado lúdico ou es-



Palácio Museu Olímpio Campos | Foto: Lineu Lins

petacular agregam, reúnem, emocionam e marcam vidas, criando uma comunidade de sentimentos.

Assim foi, nas celebrações do Centenário da Emancipação Política de Sergipe. Se o IHGSE teve o seu projeto atravessado pelo governo Pereira Lobo e não conseguiu centralizar as festividades na data histórica do Centenário, a edição especial da sua Revista, a publicação do Álbum de Sergipe e o monumento a Tobias Barreto deram consistência histórica ao evento. Mas numa sociedade em que o número de

letrados era muito restrito, a programação social deu divulgação e ampliou o alcance da comemoração. Mesmo que contemplasse eventos à europeia destinados a um grupo de convidados, a festa de rua não se fez sem povo e tomou cores locais. De diferentes maneiras, celebrar a Emancipação visou a contribuir para a afirmação de determinados modos de ser sergipano e para a construção de um sentimento cívico de sergipanismo ou de sergipanidade, visto como importante para a afirmação de uma unidade politicamente autônoma. 

* Professora Emérita da UFS, Historiadora, oradora do IHGSE.

REFERÊNCIAS:

- Albuquerque, Durval Muniz de. Festas pra que te quero: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória. UNESP- FCLAS – CEDAP, v. 7, n.1, p. 134-150. Jun. 2011. Disponível em: pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/147/147. Acesso em 13/4/2020.
- Antônio, Edna Matos. A Independência do solo que habitamos. Poder, autonomia e cultura política na construção do Império Brasileiro. Sergipe – 1750-1831. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- Dantas, Beatriz Gois. Independência e Celebrações. (Palestra lida no Simpósio do XLV Encontro Cultural de Laranjeiras, em janeiro de 2020.)
- Dantas, Ibarê. História da Casa de Sergipe 1912/2012. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012.
- Correio de Aracaju, 25/9/1920 Primeiro Centenário da Emancipação Política de Sergipe. p. 3. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/6568>. Acesso em 07/04/2020.
- Nunes, Maria Thetis. Sergipe Provincial I: 1820-1840. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Número especial consagrado à comemoração do Primeiro Centenário da Emancipação Política de Sergipe. Aracaju: 1920, ano V, vol.V.
- Silva, Clodomir. Album de Sergipe. 1820-1920. 1ª. Reimpressão. Aracaju: Infographics, 2019. Coleção Casa de Sergipe.

Sergipe nas Independências: percursos da difícil luta por sua autonomia

* *Edna Maria Matos*

Uma carta chegava da sede do recém criado Império do Brasil à São Cristóvão em outubro de 1824. Trazia a importante informação que aquela vila estava confirmada como capital da província de Sergipe. Era valiosa num momento crucial para

tural, indica o fim de um processo intenso de lutas (e por outro lado, marca o começo de outras questões) sobre o qual muitas vezes desconhecemos ou minimizamos as ações de sujeitos do passado para estabelecer uma realidade que nos acostumamos e sequer desconfiamos que poderia ser diferente. Na verdade, a jovem província estava escaldada de tantos reveses advindos de sua luta pela autonomia, entrelaçada que esta esteve aos conflitos mais amplos da independência do Brasil em relação a Portugal, fato que marca a singularidade e a riqueza da análise histórica da experiência de Sergipe na busca por sua independência.

Esse cuidado em ter na província tais documentos revela uma preocupação com a consolidação do poder provincial e de uma vida administrativa que fosse verdadeiramente independente. Naquele momento, uma Junta provisória governava Sergipe e trataram de documentar e obter os papéis oficiais que asseguravam a condição de província autônoma e demais decisões administrativas. Vicente José Mascarenhas, procurador da província de Sergipe na Corte no Rio de Janeiro, solicitou em junho de 1823 certidões ao governo, “allegando não ter aquela província os títulos originais da sua categoria e independência, pede que se lhe seja passado segundas vias do decreto de 8 de julho [de 1820] e da carta imperial de 5 de dezembro de



Carta topográfica da província de Sergipe
Arquivo da Biblioteca Nacional

confirmar a autonomia da província, documentando de forma mais organizada e oficial a sua vida administrativa independente.

O que hoje nos parece óbvio e na-



Provincia della Baia e di Sergipe
Arquivo da Biblioteca Nacional

1822 e de outro qualquer diploma relativo a aquele objeto para a todo o tempo constar naquela província”.

A preocupação deve-se a experiência conflituosa do processo de autonomia provincial da Bahia e suas turbulências e mostrava o quão importante era assegurar à província as garantias legais que resistissem à alternância de poder e, localmente, às investidas de grupos que passariam a lutar pelo poder, seus cargos e funções de mando. Ainda que o próprio processo político mostrava que documentos oficiais podem ser ignorados ao sabor dos interesses, como exatamente procedeu a junta da Bahia em relação ao decreto de D. João VI, o temor, justificado, era que pela falta de provas legais de sua condição de autonomia pudessem alterar ou reverter as conquistas obtidas. O episódio de deposição do primeiro governador, Carlos Cesar Burlamaqui ou a arbitrariedade do general Labatut que empossou Eloy Pessoa para governar “a comarca” de Sergipe em 15 de novembro de 1822, autorizado pelo Imperador que o contratou, sendo depois deposto pela Câmara de Cachoeira numa ação de claro enfrentamento desta ao mercenário francês. Enfim, é possível identificar muitas interferências e usos da autonomia de Sergipe no jogo político das lutas de independência no âmbito local, regional e mesmo nacional.

Mas a capitania estava autônoma

desde 1820. A Carta Régia que determinou a emancipação de Sergipe estava datada do dia 08 de julho e, no dia 25 de julho daquele mesmo ano, foi designado o Brigadeiro Carlos César Burlamaqui para governar a recém-criada capitania. O novo governador saiu de Salvador (5 de fevereiro de 1821), e dirigiu-se a São Cristóvão, capital da capitania, para tomar posse de seu cargo, chegando a esta cidade no dia 20 de fevereiro.

No momento de sua chegada em Sergipe, lideranças da capitania da Bahia já aderiram ao movimento político das Cortes Portuguesas e haviam jurado a Constituição. Este movimento tem relação direta com um importante evento em Portugal: a Revolução do Porto, ocorrido em 24 de agosto de 1820. Também chamado de Vintismo ou Regeneração, foi protagonizado por grupos mercantis e apoiado pelas tropas da cidade do Porto e, posteriormente, expandido para a capital Lisboa. Sua intenção era criar as condições político-institucionais para que importantes reformas de caráter liberal e constitucional no Estado português fossem adotadas. Os grupos rebelados determinaram o retorno imediato de D. João VI à Europa e a convocação das eleições para deputados para compor as Cortes Constituintes, uma instância legislativa de governo responsável pela elaboração de uma Constituição, instrumento fundamental no projeto ilus-



Divisão das Comarcas
Arquivo da Biblioteca Nacional

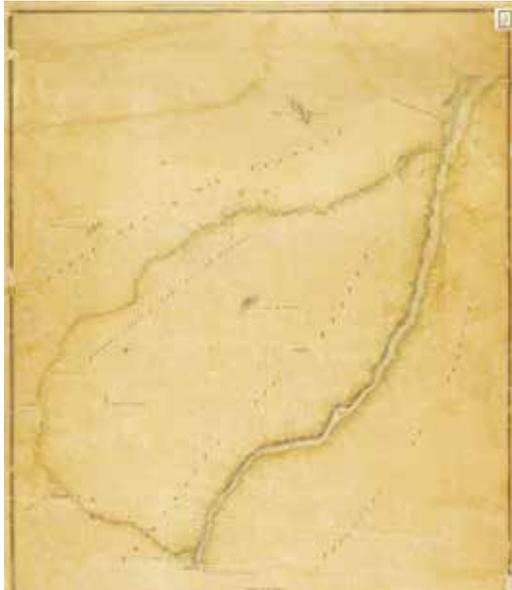
trado de modernização do Estado e da economia lusa e que envolveria todos os territórios de colonização portuguesa. Seguindo estas determinações, as capitanias no Brasil então, deveriam formar Juntas de governo provisório que procederiam à organização da eleição de deputados para representar a América Portuguesa nesse Congresso, em Lisboa.

Na Bahia, para a formação da Junta nos moldes exigidos pelas Cortes, foi necessário destituir o governo ali estabelecido. No dia 10 de fevereiro, um grupo de homens notáveis e influentes de Salvador, apoiado por tropas, dirigiu-se à presença do governador da capitania, Francisco de Assis Mascarenhas, o Conde de Palma, que resistiu também com tropas comandadas por Felisberto Caldeira Brant, mas sem sucesso. Reunido em um conselho militar dos comandantes e oficiais da tropa de linha, em que participou Luís Paulino de Oliveira França e o seu filho Bento

de Oliveira França (lembrem desse nome pois ele aparece mais adiante) iniciaram a organização de uma Junta de governo, composta por representantes dos segmentos sociais: comércio, clero, milícia, cidade e agricultura.

Assim, na capitania vizinha, o poder foi exercido pelo grupo que apoiava o movimento das Cortes portuguesas e defendiam ideais liberais. Para fortalecer as bandeiras do liberalismo e o constitucionalismo, a Junta da Bahia passou a trabalhar para que as áreas de sua influência estivessem sob a esta mesma orientação política. Por isso, a Junta de Governo provisório da Bahia determinou que todas as vilas e comarcas de seu território aderissem ao movimento das Cortes. Em relação a Sergipe, passaram por cima do decreto de D. João VI e ignoraram a situação de autonomia administrativa, informando por meio de uma correspondência ao capitão-mor Luiz Antônio da Fonseca Machado, que à época governava a capitania e aguardava a chegada de Carlos Burlamaqui, ordenando que continuasse no exercício do cargo – desde que jurasse a Constituição – e que não entregasse o cargo ao novo governador, ordens que foram recusadas pelo capitão-mor.

A dificuldade que envolveu posse de Burlamaqui em Sergipe expõe algumas questões: além dele personificar a expressão da obediência ao absolutismo português, tão atacado pelas Cortes, ainda seria necessário instituir a legitimidade do seu cargo, ao que as lideranças políticas locais discordaram prontamente. Na capitania encontravam-se adesões importantes ao movimento das Cortes ainda que isso significasse sacrificar a autonomia, anuindo aos desejos da junta da Bahia. Sua posse somente ocorreu após Burlamaqui firmar compromisso com os corpos militares de que estes o apoiariam na ocupação de seu cargo, mesmo assim, não significou grandes garantias uma vez que perdidos pela



Limite entre Sergipe e Alagoas
Arquivo da Biblioteca Nacional

falta de informação do que ocorria no Rio de Janeiro e muito pressionados pelos apoiadores da

Junta Baiana, precisavam tomar decisões urgentes e garantir o cumprimento da nobre missão confiada a ele pelo monarca, como o próprio governador entendia que era seu papel.

Para confirmar o juramento da constituição por essas terras, a Junta Provisória da Bahia expediu, em 03 de março de 1821, uma ordem determinando o envio de um destacamento militar composto por 200 homens comandado pelo coronel Bento Pinto de Oliveira de França. Desembarcaram no porto de Estância no dia 12 de março e, à medida que avançavam no território a caminho para São Cristóvão, iam fazendo com que as vilas aderissem ao movimento político das Cortes portuguesas e jurassem a Constituição. Burlamaqui conta em suas Memórias (escritas na prisão em Salvador) que foi ao tomar conhecimento de que a povoação de Laranjeiras jurou a Constituição no dia 15, que ele reconheceu que nada mais podia ser feito. Laranjeiras era uma região fundamental por sua função na economia açucareira da província e significativo foco de população portuguesa. Faltava apenas São Cristóvão que estava entalada entre La-

ranjeiras e Estância, já sucumbidas. No dia 16 de março, em São Cristóvão, as tropas cercaram o palácio do governo e a casa do secretário do go-

vernador e tentaram convencer as autoridades a jurar e aclamar a constituição. Diante da negativa do governador, este foi deposto e levado preso com seus dois filhos para a Bahia. “Marchou Bento da França como de passeio a capital sem que lhe fosse mister queimar um cartuxo”, comentou mordaz o português José Pinto de Carvalho, prestigiado proprietário da região de Santo Amaro das Brotas e adepto dos ideais das Cortes.

Não era apenas uma questão de obrigar as autoridades de Sergipe ao juramento da constituição e alinhamento ao movimento das Cortes, mas as tropas baianas em Sergipe atuaram para confirmar a reanexação da capitania de Sergipe à da Bahia, ou seja, seu retorno à condição de comarca, objetivo para o qual a posse do brigadeiro Pedro Vieira de Melo foi fundamental para tais propósitos. No dia 20 de março de 1821, estava oficialmente reinstalada a comarca cujo governo subordinava-se ao da Bahia. Uma das primeiras medidas do governo de Pedro Vieira de Melo consistiu no envio de uma proclamação a todas as Câmaras com o fim de que estas reconhecessem a legalidade da-



Planta da Barra do Rio São Francisco
Arquivo da Biblioteca Nacional

quele governo e da reanexação de Sergipe. Com essa situação, o movimento liberal e a adesão ao Constitucionalismo das Cortes lisboetas ganharam força também em Sergipe.

Contudo, é importante dar destaque ao fato de que houve uma tentativa de organização da resistência na capitania para reverter a situação, o que nem sempre lembrado. Sabemos dessa movimentação por meio da menção feita em ofício enviado para a Junta na Bahia pelo ouvidor interino da então comarca, Manuel Gomes Coelho. Ele informava que em 01 de janeiro de 1822 reprimiu com êxito a “tentativa de instalação de um governo separado e independente do da capital da província”. A informação do ouvidor à Junta baiana referia-se à iniciativa do capitão-mor da vila de Itabaiana, José Mateus da Graça Leite Sampaio, proprietário do engenho Santana, de convocar outras Câmaras municipais para formação de um governo em Sergipe que fosse independente da Bahia.

A partir de julho de 1822, o panorama político se modificou significativamente alcançando toda a colônia. Neste momento, as decisões tomadas tentavam articular as ações e reações do que era decidido numa relação triangular que envolvia agentes sediados em Lisboa, Rio de Janeiro e Salvador. Adeptos e opositores à separação (“portugueses” e “brasileiros”, aqui no-

meia mais projetos políticos do que exatamente nacionalidades) se hostilizaram de forma crescente e aguda também no Rio de Janeiro, dando origem a ideias mais claras de emancipação do Brasil, agora amadurando como um projeto político viável, agravado por um certo descontentamento com a condução das Cortes sobre questões importantes para os colonos, como os impostos. Antigas rivalidades e ressentimentos começaram a ganhar espaço e assim, desconfianças e animosidades ajudaram a materializar o desejo do estabelecimento de um governo exclusivamente brasileiro, porém, liderado por D. Pedro, deixado como regente por seu pai.

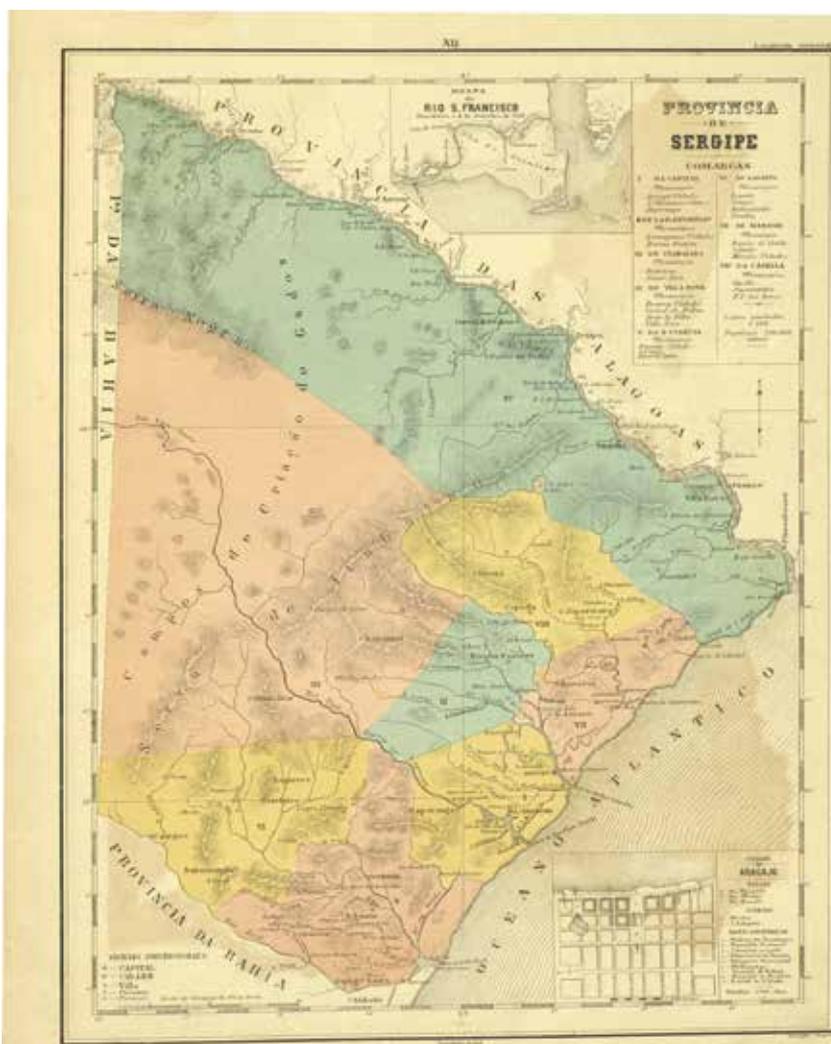
E isto consistiu em um grave problema para as províncias do Norte neste conflito político: a aceitação da liderança de D. Pedro e sua instituição como chefe da nação. As juntas das províncias da Bahia, Maranhão, Pará e Piauí não o reconheceram como líder e continuaram a apoiar as Cortes, justamente regiões em que a ideia de continuidade com o reino português era muito forte porque parecia mais vantajoso, mesmo com as dificuldades apresentadas, do que anuir ao projeto do Rio de Janeiro, sempre indiferente as necessidades das sociedades destas regiões. A convocação da Assembleia Constituinte, por meio do decreto de 3 de junho de 1822, fez parte de um projeto de enfraquecimento das promessas sedutoras

das Cortes portuguesas e para mostrar às elites de todos os cantos do território que era possível organizar um governo a partir do Brasil. Para José Bonifácio, um dos arquitetos da nossa independência, era necessário pactuar e formar alianças com as elites destas capitanias mais afastadas do centro e, em Sergipe, o responsável por essa missão foi o Cônego José Francisco de Meneses Sobral.

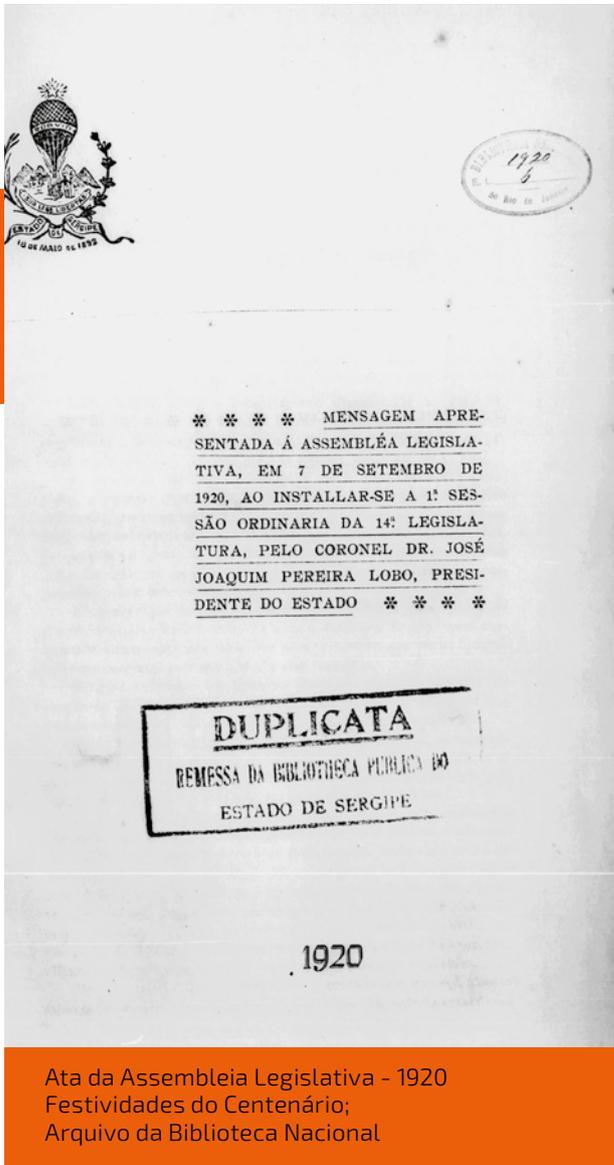
D. Pedro, por sua vez, estava envolvido no desafio em consolidar sua autoridade como Regente, ou seja, o chefe do poder executivo, primeiramente no âmbito do centro-sul do Brasil e, em seguida, para outras regiões. Para tal, realizou viagens para costurar alianças em São Paulo e Minas Gerais, a base de sua sustentação política. Ao final da jornada, o príncipe decidiu efetivar a separação entre Portugal e Brasil pois chegaram notícias de que as Cortes portuguesas anulavam a convocação da Assembleia Constituinte do Brasil e exigiam o retorno imediato de D. Pedro, sob o risco de perder os direitos de sucessão. O resultado é o conhecido 7 de setembro de 1822, transformado posteriormente em data oficial de nossa independência.

Na Bahia, embate sangrento se estenderia ainda por alguns meses, marcado pela polarização entre as forças de Salvador, defensoras das Cortes e lideradas pelo Brigadeiro Inácio Madeira de Mello, e as câmaras do Recôncavo, que de modo geral, passaram a apoiar D. Pedro. Finalizando em 2 de julho de 1823, quando as tropas portuguesas se retiraram para Portugal. É isso repercutiu no movimento de autonomia em Sergipe na medida em que importantes lideranças políticas que até então apoiavam, inclusive materialmente, Madeira de Mello, abandonaram suas posições e se convenceram ou foram convencidos (vide o papel dos mercenários) do perigo que a sociedade corria ante a ocorrência de uma guerra civil no Brasil ou mesmo da inevitabilidade da autonomia.

Ainda que os apoiadores da subalteridade de Sergipe fossem lideranças locais importantes e poderosas em termos econômicos e militares, como José Barros Pimentel, o coronel Domingos Dias Coelho e Guilherme José Nabuco Araújo, e que mudaram seis posicionamentos na dinâmica dos acontecimentos políticos, cabe lembrar que a ideia de se fazer cumprir rigorosamente o decreto de autonomia nunca se esmaeceu. Desde fevereiro de 1822, com a expedição de um decreto que determinava a criação de Conselhos de Pro-



Comarcas da Província de Sergipe - Atlas do Império do Brasil 1868
Arquivo da Biblioteca Nacional



Ata da Assembleia Legislativa - 1920
Festividades do Centenário;
Arquivo da Biblioteca Nacional

curadores das Províncias cujos membros deveriam ser escolhidos por todas as províncias do Brasil e sua função seria a de aconselhar o príncipe sobre todos os assuntos importantes, um grupo de oficiais e vereadores da câmara de São Cristóvão aproveita para perguntar ao regente se a condição de Sergipe permitia o envio de um representante e denunciam a usurpação de sua autonomia e por efeito, a perda de seu direito de representação.

E mais, através de uma representação para o Príncipe regente, datada de 30 de junho de 1822, foram pedidas providências contra a junta provisória do governo da Bahia “que não respeita a inde-

pendência da província conforme decreto de julho de 1820” e denunciam que não foi permitido que Sergipe enviasse representante. As demandas do Rio de Janeiro na sua avidez de tornar-se centro político na eventual construção do novo país fazia com que nesta província seus agentes se mobilizassem para reverter a condição de subalternidade. Quando lhe era solicitadas informações ou acatamento de ordens, aproveitavam para denunciar as usurpações promovidas pelas lideranças baianas e o prejuízo provocado em termos de participação e representação na discussão política e mesmo na composição do Império. Não seria exagero dizer que o alinhamento da província de Sergipe ao projeto de poder de D. Pedro significou excelente possibilidade de obter a confirmação de sua autonomia.

No vai e vem das correspondências oficiais e das pessoas, dos vestígios históricos que nos informam das ações de indivíduos, dos sujeitos d carne e osso nos seus impasses sobre qual caminho escolher, na negociação dos seus interesses e mesmo a mudanças de posicionamentos ao longo de um processo político intenso e mesmo violento, parece claro que a questão de estabelecimento efetivo da autonomia da província de Sergipe, foi resultado de decisões em circunstâncias nada normais, nem sempre bem compreendidas para os que olham para o passado em busca de respos-

A industria assucareira, base da maior riqueza entre nós, sensivelmente se aperfeiçoou com a aquisição de novos aparelhos para beneficiamento do producto.

Por sua vez, as fabricas de tecidos, que têm augmentado a sua actividade em face da grande procura do seu producto, vão introduzindo novos machinismos, para assim poderem, desassombadamente, concorrer aos grandes mercados.

A Exposição realizada nesta capital, por occasião das grandes festas do Centenario da nossa Emancipação Política, foi o melhor indice que tivemos para conhecimento do nosso progresso industrial.

Esse grandioso certamen evidenciou, assim, a excellencia dos couros e pelles, beneficiados, do Cortume de Casindé, que recebe favores do Estado para incentivo da industria que explora; dos tecidos em todas as tramas da tecelagem moderna; dos trabalhos de mechanica, maecenaria, carpintaria, além de uma infinidade de productos fabricados a mão.

Além disso, a Exposição nos mostrou a materia prima de que podemos dispor para os variados misteres da industria.

ESTRADAS.—Continua a ser causa do nosso estacionamento economico a falta de vias de comunicação.

Está em andamento, comquanto lento, o serviço de construcção das estradas de rodagem de Salgado a Annapolis e de Laranjeiras a S. Paulo.

A Empresa Auto-Viação Sergipana continua a manter em regular funcionamento a estrada de rodagem que liga a estação de Salgado á cidade de Estancia, numa extensão de 36 kilometros.

VIAÇÃO FLUVIAL.—O Estado, com o intuito de facilitar a viação fluvial, subvenciona duas empresas: a do rio São Francisco, fazendo as comunicações de Propriá a Gararú, e a Empresa Fluvial de Navegação, que faz as viagens desta capital ás cidades de Maroim, Riachuelo e Laranjeiras.

O rio Japarutaba, cuja desobstrucção prestará serviços inestimaveis a sua navegação e á grande lavoura espalhada num immenso valle uberrimo, tem um longo percurso, banhando grande numero de uzinas e engenhos.

A franca navegação desse rio vem trazer grandes vantagens ao transporte de productos das propriedades ribeirinhas.

A desobstrucção da foz do Japarutaba, de par com as obras de drenagem, tendentes ao aprofundamento, em alguns pontos, do *thalweg*, será de real proveito para a economia do Estado, que annualmente soffre grande perda na tonelagem do assucar a exportar, devido aos effectos calamitosos das cheias periodicas, destruindo grande parte das plantações de canna.

Além disso a área cultivavel a conquistar com os trabalhos de melhoramentos do Japarutaba será consideravel.

O recente projecto apresentado á Camara dos Deputados pelo illustre representante do nosso Estado dr. Carvalho Neto, vem, uma vez convertido em lei, satisfazer a essa velha aspiração nossa.

Situação Financeira

A nossa situação financeira ficou perfeitamente esboçada por quanto dissemos da nossa situação economica, reflexo immediato e severo que ella é daquella. Comquanto não seja ella prospera como nos dois annos anteriores, em todo caso apraz-me dizer-vos que, apesar da

tas fáceis ou confortáveis. Trata-se de pensar tentando captar os valores de uma época, com questões específicas muito marcadas pelas possibilidades e impossibilidades dadas pelo contexto, no seu próprio tempo. E ainda assim, fica evidente como não se resignaram, agindo pelos caminhos disponíveis e utilizando dos meios legais e conveniências que a dinâmica política oferecia naquele momento.

Cabia agora enfrentar questões novas de um tempo também novo: a montagem do Estado nacional ao nível local, que aqui também assumiria contornos inéditos pois não se tratava de adaptar estruturas e órgãos de funcionamento de uma capitania antiga numa colônia convertida em província do Império do Brasil pela contingência da independência. Tudo estava por se fazer.

O processo complicado, mas absolutamente intenso e criativo, de afirmação da autonomia da capitania de Sergipe em relação a Bahia e da efetivação da independência do Brasil nesta parte da ex-colônia

Continuação...

Ata da Assembleia Legislativa - 1920

Festividades do Centenário

Arquivo da Biblioteca Nacional

portuguesa na América, são indicadores potentes dos vários dilemas próprios da experiência humana e da

vida política de homens e mulheres que viveram os anos conturbador daqueles anos vinte oitocentista. Tem muito a dizer e propor em termos de reflexões históricas que envolveram o período joanino e a Independência do Brasil e sua compreensão com importantes conotações para a discussão de muitos problemas e também traços positivos do presente, do nosso fazer-se como brasileiros. Um processo único, marcado por experiências muito particulares que não deve ser esquecido pois está na origem de uma identidade peculiar, de uma sociedade na sua relação respeitosa com o passado e por sua gente que atuou e ajudou a construir a realidade, a sociedade e o lugar em que vivemos e amamos. 

*Historiadora, docente no departamento e mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe.

Pesquisa de imagens: Wallace Douglas.

José Matheus da Graça Leite Sampaio, o herói ignorado

**José de Almeida Bispo*

Um capítulo da história sergipana diz respeito a um aspecto que tem passado ao largo, inquestionável, ignorado, de quem foi o responsável maior pela Independência de Sergipe. Sabemos que o Decreto de 20 de junho de 1820 foi do rei D. João VI, óbvio; mas o que esteve por trás desse ato real? O que e quem inspirou D. João a este ato?



O estilo do engenho de açúcar clássico sergipano: pequeno, antiquado. Desenho de Percy Lau

É corrente apontar o posicionamento político de Sergipe, frente à Revolução Pernambucana de 1817 como fator decisivo; mas, pela tímida participação da então Comarca de Sergipe no episódio, mal dando franca passagem as forças legalistas vindas de Salvador, não me parece pertinente. Mesmo

sendo Sergipe um histórico enclave pernambucano em “solo baiano”, desde a invasão holandesa em Pernambuco, em 1630, com a nobiliarquia sergipana a seguir muito mais ligada à margem esquerda do São Francisco, especialmente ao território do estado de Alagoas, do que a direita do rio Inhampube.

Em 1801, o terceiro maior volume de cargas no porto de Salvador era proveniente de Sergipe; atrás apenas de Lisboa e de São Pedro do Rio Grande do Sul. Todavia, a exuberância da economia da Comarca de Sergipe não seria motivo para D. João achar estratégico ao reino-unido lusitano o renascimento de uma capitania, separando-a de novo e definitivamente da Bahia. Enfim, qual ou quais os motivos e em que se apoiou o sábio, porém enfraquecido monarca para decidir emancipar Sergipe?

PANORAMA SERGIPANO AO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Relata-nos Maria Thetis Nunes que ao fim do século XVIII a economia sergipana assoberbou-se. O estado, que “antes de ser agricultor foi pastor”, muito bem colocado por Felisbello Freire, a partir da maciça migração de ciganos, deportados de Portugal via Pernambuco, mormente na hoje Alagoas, desde 1718, foi repovoado pra valer, com vis-

“(…)No entanto, a partir dessa época, os camaristas de São Cristóvão, Leite Sampaio à frente, dirigem o movimento de independência, em busca da efetivação do decreto de D. João VI.”

ARAÚJO, Acrísio Torres. Sergipe no processo da Independência do Brasil. Revista do IHGB, 380, p.81. Jul/Set, 1980. Rio de Janeiro-Brasília

“Ainda hão de fazer justiça à sua memória quando escreverem a história de Sergipe”. (Lima Jr., n’O Republicano, 1879, sic ARAÚJO, op. cit.)



De Frans Post, 1658.



Engenho - Extrato do mapa do Livro de Barlaeus, "Rerum per Octennia in Brasilia", de 1646, em que no desenho de Geor Marcgraf mostra um engenho pomposo e a vida campestre no então Pernambuco holandês

tas ao desenvolvimento da cultura da cana de açúcar, desde a margem direita do São Francisco, estendendo-se pelos vales dos rios, até o Real, somando-se à população mais antiga, e que não havia migrado para as minas de ouro, reconstituído com isso o fornecimento de açúcar para os contratos reais da metrópole.

Surgiram as feiras livres, literalmente; o dinheiro começou a fluir vigorosamente, apesar da atividade agrícola sempre padecer com os juros, e até o açúcar sergipano ser capciosamente classificado em Salvador como inferior, por isso valendo menos. O estado também voltou a ter numerosos rebanhos; não com a importância estratégica encontrada por Diogo Campos Moreno, em 1611, mas com vigor produtivo suficiente para fazer a grande diferença na hora de financiar a campanha política pela emancipação de Sergipe, como apropriadamente dito por Thetis Nunes.

Mas todo esse vigor e impostos arrecadados não eram revertidos em benefícios da cidade de São Cristóvão, e principalmente das outras sedes municipais, as vilas.

Em 1820, nenhum dos seis municípios interioranos sergipanos – Itabaiana, Lagarto, Neópolis, Propriá, Santa Luzia do Itanhê e Santo Amaro das Brotas – tinha o mais elementar na representatividade do poder municipal: uma Casa de Câmara e Cadeia. Era de onde se emanava as Posturas Municipais, cobrava-se a Décima Urbana e demais impostos e taxas, administrava-se a vila-sede e o município, e aonde se recolhia os infringentes da Lei. O Poder Municipal. Nem isso. Nenhuma



IGREJA MATRIZ do Sagrado Coração de Jesus, Laranjeiras. Concluída às expensas e sob encomenda do Capitão José Matheus da Graça Leite Sampaio, por seu auxiliar Bento de Melo Pereira, depois Barão de Cotínguiba.

ma pavimentação, médico, professor... nada! As vilas nas palavras do Ouvidor Magalhaes Paços:

“As vilas da Comarca são um agregado de casas fechadas: sem gente. Alguns dos habitantes que vivem na Povoação, são pobres e apenas há o Parocho, o Escrivão e algum Oficial de Justiça.”

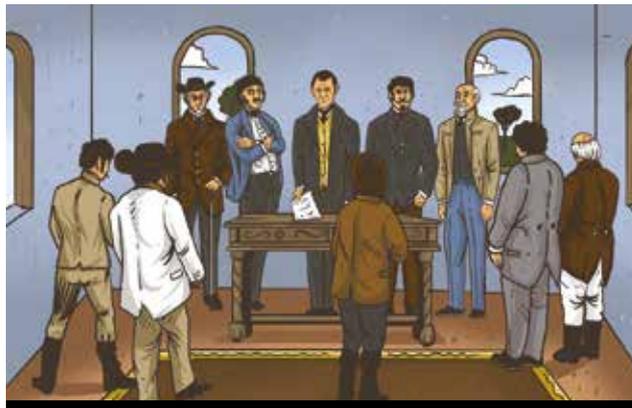
Não tinha por que viver num lugar onde só aparecia o lado duro da lei. A Câmara de Santo Amaro passou anos pedindo um professor de primeiras letras que nunca veio; de mais prestígio, por ser o centro farinheiro fornecedor de Salvador, Santa Luzia deu mais sorte. Por pouco tempo. De Itabaiana, Lagarto e Neópolis e até mesmo a então recente Propriá sequer temos algum referencial dessa ousadia.

Mas os impostos nunca sofreram interrupção: Sergipe contribuía com um terço dos impostos arrecadados por Salvador.

O espírito libertário de 1656, do velho capitão-mor Manuel Pestana de Brito, e de seus curraleiros da Itabaiana e do Lagarto mais uma vez se manifestou. Não mais numa pueril e desesperada rebelião com invasão da capital; mas na letra fina e sutil da melhor diplomacia, no jogo da alta política, e, obviamente combinada com o controle pela



Velório de José Matheus da Graça Leite Sampaio dentro da capela de seu engenho, em 29 de janeiro de 1829



José Matheus da Graça Leite Sampaio, camisa amarela, presidindo reunião. Desenho de Adilson Lima

ameaça da força aos traidores pretensos. Tudo construído pacientemente por duas décadas.

UM HOMEM E SUA ÉPOCA.

Em 1793, quando José Matheus da Graça Leite Sampaio assumiu as Ordenanças de Itabaiana, o município não tinha sequer um escrivão; muito menos Casa de Câmara e Cadeia – o símbolo de poder municipal – juízes ou qualquer autoridade, além dos vereadores que, em toda capitania de Sergipe quase não faziam sessões, como naquele ano lastimou o ouvidor Antônio de Magalhães Paços, em carta-relatório sobre Sergipe, enviado à rainha D. Maria I: “As justiças se não fazem”. Logo, tudo era resolvido na boca do bacamarte, sendo peremptório a todo senhor de engenho que quisesse continuar dono do que era seu, e vivo, que logo formasse a sua milícia. Leite Sampaio, à medida que seu poderio crescia, também cresceu sua imprescindível cabroeira. Sebrão, o sobrinho conta que dos filhos havido do grande sergipano, uma filha casou-se em Taracatu, estado de Pernambuco. Quando a situação apertava por aqui, era só enviar o recado e a cabroeira chegava aliviando a situação. O Estado, todo concentrado no Recôncavo baiano, somente se interessava pela arrecadação da Comarca de Sergipe.

É nessa situação de abandono geral que Leite Sampaio, um ascendente social “fora da caixa” começa a dar força, amplificar os queixumes da sergipanidade contra o descaço administrativo, e, depois da vinda da corte para o Brasil, até ter o Decreto Real nas mãos, fazer intensa política.

QUEM FOI JOSÉ MATHEUS DA GRAÇA LEITE SAMPAIO

Filho do capitão João Machado de Novais e D. Rosa Maria de Sampaio, nasceu em data desconhecida, em Neópolis. Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, depois também Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa.

Com a morte de seu tio, o padre licenciado Ventura Rabello Leite Sampaio, em 1785, rico proprietário de terras na Itabaiana, herdou-lhe os bens e as obrigações, inclusive a de construir a capela do Engenho da Penha, o que fez após a morte do seu tio. A permissão fora pedida janeiro de 1684; e concedida pela rainha D. Maria I em 09 de julho de 1785, porém, depois da morte de Ventura, ocorrida em 08 de março do mesmo 1785. Em 1787, enquanto subia a construção da majestosa capela terminada dez anos depois, Leite Sampaio incorporava mais patrimônio com a compra do Engenho Santa Ana.

A capela do Penha atualmente ainda está de pé; apesar de em ruínas, abandonada, mesmo sendo de Patrimônio Histórico tombado pelo IPHAN, desde 23 de março de 1943.

Casou-se já maduro, com sua prima Francisca das Chagas de Jesus com ele tendo os filhos: padre Jose Matheus da Graça Leite Sampaio, João Machado de Novais, Gonçalo Rabello Leite, Tobias Rabello Leite, Margarida Caldeira Leite Sampaio e Rita de Cássia Leite Sampaio. Antes do casamento, contudo, teve dois filhos, Porcina, casada com José Marques da Cunha, morador em Tacaratu, Pernambuco, e Francisco Jose da Graça Leite Sampaio. Deste é que descen-



Extrato da parte Nordeste, da Carta do Brasil e de uma parte dos países adjacentes, de BRUE, Adrien Hubert (1826). Nele Sergipe contém a Jacobina e toda a margem esquerda do rio Itapicuru. Eram as informações tomadas com base nos dados do Conselho Ultramarino. Aqui, a Bahia pensava diferente enquanto a dividida elite sergipana facilitava as coisas.



Mapa do Algodão em Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe - 1872. Reprodução de publicação inglesa, dos tempos das construções das ferrovias, segunda metade do século XIX



Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, Laranjeiras-SE

dem as gerações que permaneceram dentro da Itabaiana, então com local de referência nos engenhos Prazeres e Passagem, ambos na margem esquerda da atual represa Jacaracica II, no atual município de Malhador.

Com a morte do Capitão das Ordenanças da Vila de Itabaiana, João Nepomuceno Regalado Castelo Branco e Loureiro, Leite Sampaio foi nomeado para o cargo em 05 de abril de 1793. O extravio da Patente, e a necessidade cada vez mais premente de se garantir frente a poderosos adversários, levou-o a pedir e o governo a reeditar a mesma em 13 de agosto de 1805.

Em 1801, conseguiu a Patente de sargento-mor para seu irmão Manuel de Deus Machado, seu irmão mais velho e braço direito, e que assumiu o governo do Estado por diversas vezes como vice-presidente. Outro seu irmão de nome José Luiz Machado, foi preso nas primeiras confusões eleitorais registradas em Itabaiana, em outubro de 1823. E é só que dele temos.

Foi incansável defensor da Independência de Sergipe contrariando um sem números de outros coronéis do açúcar e da farinha da época, muitos deles que acabaram conspirando contra ele depois de consolidada a Independência, conseguindo apeá-lo do

poder ou reduzir substancialmente a sua influência. Essa operação foi tão bem articulada que a nobreza sergipana preferiu ficar sem um nome que desse viés de heroísmo a dita Independência, a ter de lembrar-lhe seu imperecível nome e importância no evento. Os sucessivos historiadores sergipanos, por desconhecimento ou outros motivos esqueceram-no completamente, prejudicando assim um dos mais importantes elos na construção da sergipanidade.

Montou e presidiu a primeira Junta de Governo de Sergipe, a partir de 1º de outubro de 1822.

Foi deputado provincial na primeira legislatura, de 1823 a 1826 tendo sido indicado por D. Pedro I para ser deputado à Assembleia Geral na Corte, para o quadriênio 1826-1829. Muito doente e de idade avançada conseguiu indicar um substituto, falecendo depois em 29 de janeiro de 1829. Seu corpo está sepultado junto ao altar da majestosa capela do antigo Engenho da Penha, hoje sul do Município de Riachuelo, à margem da rodovia estadual para esta Cidade. 

* *Historiador*

Fontes:

NUNES, Maria Thétis. Sergipe Provincial I

MENEZES, Wanderlei de Oliveira. Festa, Farinha e Forca: a pena de morte na província de Sergipe (1839-1889) / Wanderlei de Oliveira Menezes. - São Cristóvão, 2008. 110 f.: il

SOBRINHO, Jose Sebrão de Carvalho, o. O último capitão-mor de Itabaiana. Revista do IHGS, Número 20, 1950-1951. Aracaju. p.123

ARAÚJO, Acrísio Torres. Sergipe no processo da Independência do Brasil. Revista do IHGB, 380, p.81. Jul/Set, 1980. Rio de Janeiro-Brasília
Ficha cadastral do IPHAN: Bem - Inscrição Capela do Engenho Penha; Nome atribuído Engenho de Nossa Senhora da Penha: capela; Nº Processo 0308-T-42; Livro Belas Artes Nº inscr.: 273-A; Vol. 1; F. 059; Data: 23/03/1943; Livro Histórico Nº inscr.: 208; Vol. 1; F. 035; Data: 23/03/1943; OBS.: "O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN"

Fontes primárias:

REQUERIMENTO de José Matheus da Graça Sampaio, em que pede a medição e demarcação das terras do seu engenho denominado de Sant'Anna, situado nos limites de Cotinguiba e que havia comprado ao Tenente Coronel Jose Luiz Coelho Campos e de que fôra primitivo instituidor o Padre Manuel Carneiro e Sá. (1787). (12.770). Anais da Biblioteca Nacional do Rio e Janeiro. Volume 34, p.70. Rio de Janeiro, 1912.

CARTA patente de 2ª via que o Governador Francisco da Cunha Menezes mandou passar a Jose Matheus da Graça Leite Sampaio do posto de Capitão-mór do Terço das Ordenanças da Vila da Itabaiana, vago por falecimento de João Nepomuceno Regalado Castello Branco. Bahia, 13 de agosto de 1805. (Annexa ao n. 28.378). (28.379). Anais da Biblioteca Nacional do Rio e Janeiro. Inventário dos documentos relativos ao Brasil no Archivo da Marinha e Ultramar, organizado por Eduardo de Castro e Almeida, pte V. Volume 37, p.359. Rio de Janeiro, 1915.

INFORMAÇÕES (2) do Ouvidor de Sergipe d'Elrei Antonio Pereira de Magalhães de Paços, sobre a devassa de residência do bacharel Filipe Custodio de Faria e Andrade, ex-ouvidor e provedor da mesma comarca. Sergipe d'Elrei, 8 de dezembro de 1795. 16.732-16.733. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. 34, p. 401, Rio de Janeiro, 1912.

Francisco Gualberto

Foto: Jadilson Simões



Autodidata nas artes, Francisco Gualberto nasceu no povoado Caípe Velho, município de São Cristóvão, em 23 de maio de 1956. É músico amador, com várias composições gravadas, e autor de quatro livros de poemas. A primeira publicação aconteceu em 1977, quando ainda era um estudante ginásial e lançou 'Poemas inocentes'.

Trabalhou como operário em construtoras de Aracaju e em 1983 ingressou, através de concurso público, na Nitrofértil, antiga Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados do Nordeste (Fafen). Atuou em várias frentes sindicais, chegando a presidir a Central Única dos Trabalhadores (CUT) em Sergipe.

Na carreira política seu primeiro cargo eletivo foi de vereador de Aracaju (2000-2003). Assumiu um mandato de deputado estadual em 2003, após ter ficado como suplente na eleição de 2002. Foi reeleito para a Assembleia Legislativa de Sergipe em 2006, 2010, 2014 e 2018. Em fevereiro deste ano lançou o livro 'Na linha do tempo', uma coletânea reunindo textos de seus quatro livros anteriores.

O PATRÃO

Eis o dono do poder
Patrão de gente aflita,
Negas quando lhe pedem
Diz não dar por não poder
A verdade é não querer.

Sofres pobre amigo
Faminto, resignado,
Seu patrão é um cruel
O que pediste foi negado.

Corre, corre,
Pobre amigo
Luta, luta pela vida,
(Não precisa fazer guerra)
Seu final é sempre igual
Ao do soberano da terra.

Um outro mundo te espera
E com justiça agirá,
Toda fortuna que tens
Aqui mesmo ficará.

ROTINA

Planos após planos
Erros após erros
Acertos por planejar
Sonhos por intuição
Derrotas no impossível
Vitórias só por tentar.

Desgraças no resultado
Ilusão no esperar
Passo em falso no caminho
Pior é não caminhar
Mesmo vendo em cada sol
O brilho vivo do luar.

AS TARDES DO MEU SERTÃO

As tardes caiam calmas e mornas
Ainda aquecidas e aquecedoras,
Vinham de uma manhã ensolarada
Era verão
Eu deslumbrado punha-me a olhar
Aqueles campos tão belos
Nas tardes do meu sertão.

Cavalos viçosos corriam rinchando,
Em pastos esverdeados,
O vaqueiro feliz aboiava
Com muita inspiração
Embelezando mais ainda
As tardes do meu sertão.

Os pássaros sempre cantavam
Antes do sol se esconder,
As avermelhadas nuvens
Chamavam-me a atenção:
Meu Deus, como eram lindas
As tardes no meu sertão.

DO PICO DA SERRA

Lá do pico da serra
Olhando a baixa planície
Julguei-me alto, um soberano
- puro engano –
Nas altitudes da terra
ou na área mais plana
sou um farrapo humano.

Já vi a vida como um errante
Já fui um mau praticante
- grande imbecil –
Hoje adoto outras normas
Não mais julgo-me soberano
Admito o que sou:
apenas farrapo humano.

Arrogante, tolo
Perdido na imaginação febril
Esquecia-me ter vindo da terra
Achava lindo falar em guerra
Guerra que destrói o homem
Lá no pico da serra.

NÃO MATE A HUMANIDADE

O enfermeiro, em estado de enfermidade.
O médico, pedindo socorro.
O policial, apanhando como bateu.
O patrão, muito trabalhando e pouco ganhando.
O delegado, preso e condenado.
Os assassinos, deveras assassinados.
Os sadios, como loucos acorrentados.
- Em nome da humanidade,
Admita este quadro incorporado –

DÚVIDA

Será que vale mesmo a pena
toda luta do momento
toda ânsia de invenção
todos os homens automáticos
se o futuro está no chão?

Será que não peço demais
tornado-me ganancioso
envergonhando-me de ser medroso
agredindo a honestidade
retribuindo maldade
se o resumo – só o resumo é futuroso?

Será que minha mente está normal
quando troco o bem pelo mal
quando atinjo o inimigo
quando erro e não quero castigo
quando quero e não presumo
se tenho por certo meu resumo?

RECANTOS DA MENTE

No meu silêncio me encontro
me torturo me recordo
sinto prazer já vivido
recordo um tempo que ser passado
não pode, pois por mim nunca passou
e desencadeia lembranças tão boas
- Feliz eu era –
Hoje só me recordo
pra minha felicidade.

Preciso já ser atendido
Se falo, são só palavras
que se perdem pelo ar – nada dizem
e quem me ouve apenas ouve
o que importa se sofri, se chorei,
se sorri; comprovado:
no meu silêncio me encontro.

Minha infância se foi com o tempo
e com ela metade das alegrias
que passaram voando, voando
Bem assim passará outra fase
de encantos falsos (ilusão)
e no futuro, quem dera, cantar
com o meu silêncio fora da eternidade...

O JULGAMENTO

Não sou eu o grande homem
Não sou eu o mais honesto,
Sentimentos me consomem
Sentimentos que protesto.

Santificado não sou
Santificado não seja,
Se zelas seu próprio amor
Seu irmão não apedreja.

Derramai ódio num pranto
Agindo assim verás vantagem
Vá de encontro ao desencanto
Numa ação de coragem.

Sou um sofredor, lhe garanto
És talvez um sofredor,
Vejas virtudes enfim,
Não seja profanador.

SOMBRA DAS SOMBRAS

Vivo a vida na sombra
Na sombra do arvoredado,
Olhando a estrada longa
Espero a morte com medo.

Se um dia o arvoredado
Por castigo desfolhar
Terminará o meu medo
Medo até de me molhar.

A fragilidade do meu corpo
Vê no medo um amigo,
E no arvoredado sem sombra
Vê punição, castigo.

Não preciso mais de sombra
Não sentirei este medo,
No dia que faltar sombra
Sombra no arvoredado.

RESUMO

Como ser feliz na vida
com as incertezas que trago?
Trago desde o meu começo?
Como ter paz neste instante
com o resumo que tenho?
Na escalada só desço

De qual incerteza falo eu?
Da de morrer ainda jovem?
Da de ser vítima da maldade?
Da de perecer na vida?
Da de sentir saudade
de uma fase falida?

Em qual resumo penso eu?
Na morte inevitável?
No sofrer que é mais provável?
No que Deus me alvitrará?
Ou num céu todo adorável?

REPOUSO

Esta cidade toda agitada
Num corre-corre
Num vai e vem
No empurra-empurra
Expressando nervosismo
Revelando violência
Uns pregando religião
Outros demonstrando descrença
É o mundo de muitos
Vizinhos desconhecidos
Toda contenda infernal
Travada inconscientemente
E muitas vezes brutal
Tem quase sempre
Um objetivo comum:
O direito a um momento de repouso
E pouco duradouro
Até o amanhecer
O de se levantar é que:
Poucos bem poucos no real
Conseguem repousar
Corpo e consciência.

O Box do Cordel, um legado de João Firmino Cabral no Mercado de Aracaju

Izabel Nascimento*

O Mercado Franco, em Aracaju, abriga importantes elementos de nossas tradições. A diversidade de produtos merece tanto realce quanto o número de visitantes, turistas e aracajuanos, sempre ávidos por desfrutar das maravilhas da Cultura sergipana.

Entre a Torre do Relógio e a Passarela das Flores, dentre os inúmeros atrativos culturais, destaca-se um ponto histórico que resiste ao tempo: o Box do Cordel Poeta João Firmino Cabral.

Reconhecido como um dos mais expressivos nomes do Cordel no Brasil, João Firmino (1940-2013) faria 80 anos de idade no primeiro dia deste ano. Sua trajetória no universo da poesia deixa um legado que ainda palpita no Box do Cordel, a única banca fixa de folhetos em Sergipe.

Sergipano de Itabaiana, o corde-

lista já havia percorrido longo caminho, desde o primeiro contato com as letras (ensinadas por sua irmã Angelita) e com o mundo das rimas, por meio daquele que se tornaria o seu Mestre – o poeta Manoel D’Almeida Filho (1914-1995) – até o momento em que se estabeleceu no Mercado Antônio Franco.

A região dos Mercados no Centro de Aracaju, já havia sido, em 1954, o cenário do encontro de João Firmino e Manoel D’Almeida, paraibano que fixou residência em Aracaju e que na década de 1950 já era um dos autores mais respeitados do Brasil na modalidade literária cordelista.

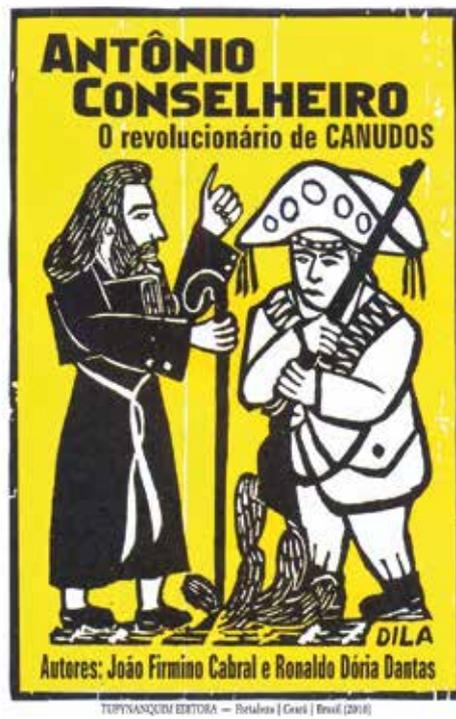
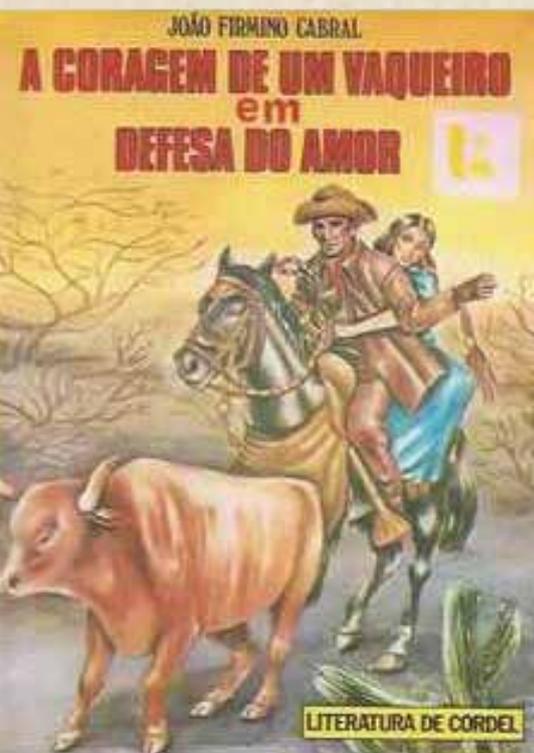
Em 2006, quando a Fundação Cul-

Foto: Arquivo Pessoal



João Firmino Cabral





tural Cidade de Aracaju – Funcaju, em nome da Prefeitura da cidade, fixou o ponto de venda de cordel no Mercado Municipal Antônio Franco, não somente reconheceu o trabalho de João Firmino, como também referendou o mais significativo Ponto de Cultura, fomento e encontro dos poetas populares de Sergipe.

A “Banca de João Firmino”, que no início era uma grande e aprimorada caixa de madeira, tornou-se efetivamente o “Box do Cordel João Firmino Cabral”:

uma construção em espaço fixo, com duas portas rolantes, prateleiras de vidro e um balcão móvel. O letreiro além da identificação do Box, complementa: “Leia a Literatura de Cordel para manter viva essa Cultura”.

Admirado por veteranos e noviços na arte do versejar, Firmino foi o cajado do Cordel, um Mestre que tornava impossível ser atendido por ele sem ouvir a sonoridade do verso declamado ou mesmo sem conhecer o encanto das rimas que bailavam no ritmo dos seus gestos e

na cadência de sua voz cheia de verdade. Com entusiasmo, o poeta ministrou ali, próximo às flores do Mercado, incontáveis aulas de poesia e de vida.

Seus discípulos eram diversos: estu-





Izabel Nascimento, Klévisson Viana e Pedro Amaro

dantes, pesquisadores, docentes, poetas, turistas e amigos. João Firmino dedicava a mesma atenção a todos, porém guardava as exigências de um perito para quem rogava por sua orientação ou revisão técnica de cordéis. O rigor daquele Mestre, ensinou para além das modalidades do Cordel, as mais valiosas lições de amor e respeito pelo ofício de ser poeta, sempre citando a sua principal fonte, Manoel D’Almeida Filho, o qual não raras vezes, chamou de “Pai”. Nos

tempos áureos do Box do Cordel, as manhãs de sábado eram reservadas à maior concentração de pessoas num encontro de amigos e artistas populares, cordelistas, repentistas, cantores, curiosos, visitantes, apreciadores, amigos, famosos e anônimos. Todos passavam por lá para girar na órbita do Mes-



Manoel D’Almeida no escritório de folheteiro nos anos de 1950

tre. Entre uma conversa e outra, o olhar atento de João Firmino à sua lida, a sensibilidade ao perceber o que cada leitor almejava e a leveza de quem estava alinhado com a própria missão.

Enquanto o cordelista consolidava sua história no Mercado Antônio Franco, suas obras já circulavam há muito tempo, ultrapassando inclusive as fronteiras do Estado de Sergipe, a exemplo de quan-





Membros da Academia Sergipana de Cordel João Firmino Cabral

do, em 1974, recebeu das mãos de Ariano Suassuna (então Secretário de Cultura de Pernambuco) o prêmio da colocação em primeiro lugar no Concurso de Cordelistas Nordesteiros, promovido pela Universidade Federal de Pernambuco.

Os folhetos assinados por Firmino circularam pelo Brasil, publicados por duas das maiores editoras de Cordel: a Luzeiro, em São Paulo-SP, e a Tupynanquim, editora de cordéis e histórias em quadrinhos com sede em Fortaleza-CE, esta última, com a qual o Mestre

estabeleceu uma parceria duradoura. O cordelista e cartunista Klévisson Viana, além de editor, tornou-se um grande amigo do poeta sergipano. A parceria de quase 10 anos com a Tupynanquim, faz o poeta cearense recordar com saudade ao afirmar que “João Firmino faz muita falta pois era, além de um poeta extraordinário, uma pessoa iluminada, um ser humano honesto, desprovido de preconceitos e que sabia respeitar todas as pessoas”.

A Academia Brasileira de Literatura



Foto: Arquivo Pessoal



**“Folhetins em cordel: João Firmino, um poeta nordestino!”
Grupo Teatral Boca de Cena**

de Cordel - ABLIC, com sede no Rio de Janeiro reconheceu a relevância do poeta sergipano, quando em 2008, deu posse a João Firmino Cabral como membro da organização, ocupando a cadeira de número 35, patronímica do poeta Expedito Sebastião da Silva.

Todavia, se o cenário do cordel no Brasil aprendeu a amar e respeitar João Firmino, em Sergipe não foi diferente. Em 2003, a Prefeitura de Aracaju concedeu-lhe a Medalha de Honra ao Mérito Inácio Barbosa, em reconhecimento ao seu trabalho e dedicação à cultura. Neste mesmo ano, a Biblioteca Clodomir Silva instalou a primeira Cordelteca no Brasil, que levou o nome de João Fir-

mino Cabral.

O falecimento do poeta, em 2013, foi motivo de grande comoção entre todos os que puderam desfrutar de sua convivência. Diversos segmentos da cultura sergipana, numa forma de eternizar o nome de Firmino, organizaram nos anos seguintes ações que intencionavam não apenas homenagear, mas também fortalecer na sociedade o que ele representa.

O Grupo Boca de Cena foi uma das



Foto: Arquivo Pessoal



Banca de João Firmino Cabral no mercado de Aracaju. Na imagem João Firmino, Izabel Nascimento e João Batista Melo

apresentações de destaque, em 2014, durante o IV Festival Sergipano de Teatro, quando apresentou a peça “Folhetins em Cordel: João Firmino, um poeta nordestino” com texto e direção de Rogério Alves, que destacou sobretudo, a função educativa do espetáculo.

Neste mesmo ano, a partir de uma mobilização dos cordelistas, a Câmara de Vereadores de Aracaju aprovou o Projeto de Lei 51/2014, de autoria do então Vereador Iran Barbosa (PT), que estabelece o dia 19 de julho como Dia Municipal da Literatura de Cordel. A data é uma referência à posse de João Firmino na ABLC. Três anos depois, em 19 de julho 2017, foi realizada a cerimônia de instalação pú-

blica da Academia Sergipana de Cordel – ASC, cujo patrono é o Poeta João Firmino Cabral.

Nas escolas e universidades, o nome do poeta itabaianense é sempre proposto à pesquisa. João Firmino Cabral continua sendo narrado em folhetos, declamações e encontros onde a poesia se faz presente. Suas mais valiosas heranças foram deixadas na memória de quem o conheceu, através dos exemplos de fé Cristã, luta com dignidade, dedicação a todas as pessoas e compromisso com o Cordel. Para quem ficou com a saudade infinda, a principal fonte continua sendo o Box do Cordel, agora administrado por Joelson Santana Cabral, herdeiro

Ilustração: Klévisson Viana



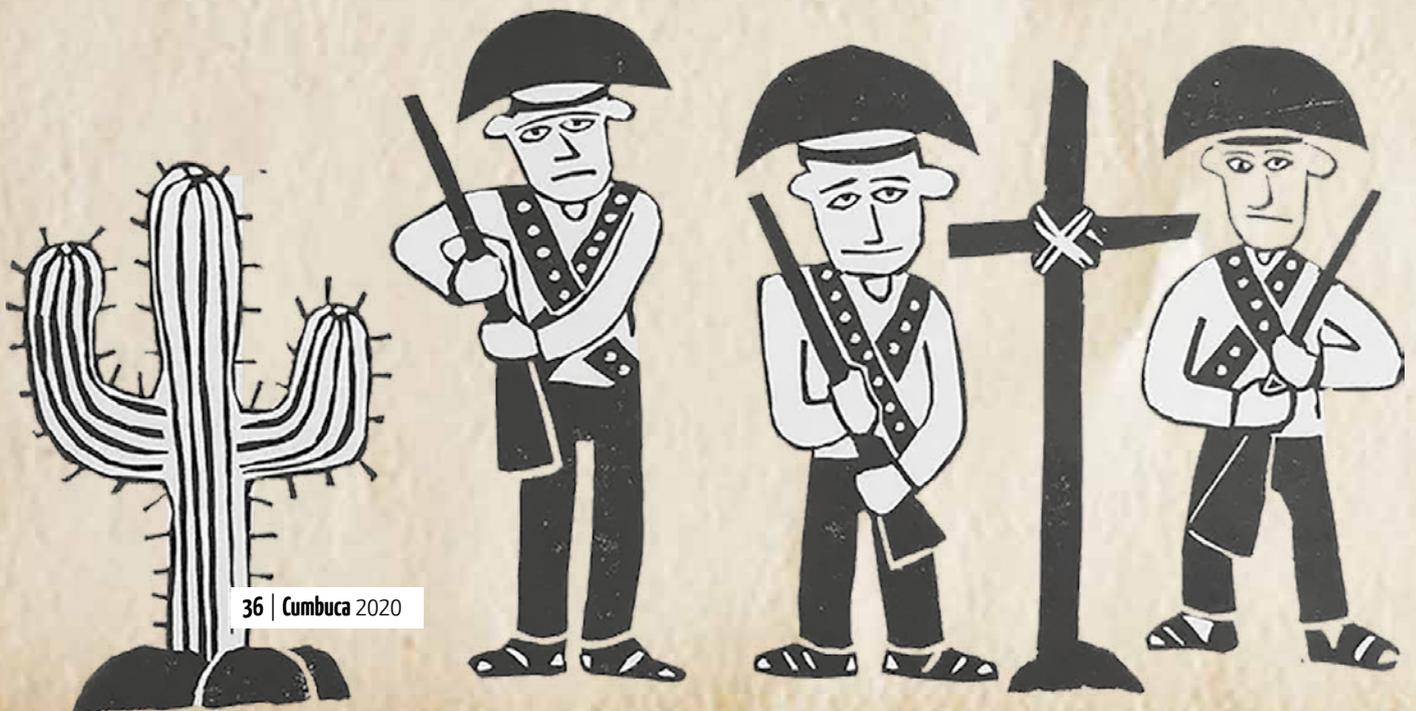
Brasão da Academia Sergipana de Cordel



do nome, do ofício e do legado poético do pai. A permanência do Box, segundo Joelson, atende a um dos últimos pedidos de João Firmino. O espaço continua em funcionamento no Mercado Antônio Franco, de segunda à sábado, das

09h às 17h, na entrada pela Passarela das Flores.

Cumprindo modestamente a sua finalidade, o Box do Cordel João Firmino Cabral necessita com urgência do olhar dos gestores para uma revitaliza-





ção que enalteça e honre a relevante história que João Firmino escreveu com o corpo, a alma, as emoções e os versos. A importância do Mestre que orientou a maioria dos cordelistas que está hoje em atividade, há tempos ultrapassou o limite do box, e clama por uma ampliação que apresente, quer seja através de um busto, uma exposição permanente, um relicário, ou todas estas e outras medidas que de forma digna, transformem todo aquele espaço do Mercado Antônio Franco, onde atuou por tantos anos, um dos maiores poetas de cordel do país.

No dia 19 de setembro de 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - Iphan, após aprovação unânime do Conselho Consultivo, concedeu ao Cordel o registro de Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro. O gênero literário que também é ofício para muitos cida-

dãos, assim pensamos, está a caminho da tão sonhada valorização. Este capítulo na história do cordel não seria possível sem a existência de tantos poetas, como João Firmino Cabral.

O poeta sergipano partiu antes de saber da importante menção. Certamente ficaria entusiasmado, como sempre ficou todas as vezes em que cordel vencia alguma batalha, mesmo que esta fosse no enredo de um folheto. Mas o que João Firmino não teve dúvida até o dia em que esteve aqui, é que a sua missão foi cumprida e que de muitas formas, ele continuaria vivendo.

Cuidemos nós, deste inefável legado! 

*Pedagoga, presidente da Academia Sergipana de Cordel e radialista



Eu 'tava' lá!

Hot Black*

Fra o início dos anos 90 – final de 92 pra ser mais exato – quando me deparei com a música rap, tal qual eu faria parte mais à frente como MC. Foi um encontro inesperado! Um rolê de skate e uma fita K7 no 'box' numa tarde com amigos e conhecidos. Algumas músicas me fisgaram e logo a atenção para os versos me trouxe para perto do som. Ali tocava Duck Jam e Nação Hip Hop, Thaïde e Dj Hum e Racionais Mc's. Nomes que descobri de forma remota tempos à frente quando isso se tornou um vício.

Que música era essa que falava das coisas com uma clareza e de um modo que parecia um conselho? Como era possível tantas rimas e versos precisos? Esses caras nem me conhecem! Peraí! Isso parece aqueles '*balanço*' que eu ouvia em inglês em 89, 90... que me fazia girar de costas e retorcer as pernas e braços nas festas e matinês do bairro. Pois é: era o RAP.

A dança em questão era o Break (que chamávamos de bleique) que dançávamos coreograficamente nas parcerias do Bugio e Porto Dantas, lugares onde passei boa parte da minha infância e adolescência. Não sabia de fato que tudo isso era parte de uma cultura chamada Hip Hop e que



NG - Som de Quebrada

Foto: Dominique Mangueira

outras expressões à completavam. Para conhecer o Dj como parte disso tudo e o graffiti com arte foi necessário um mergulho, que só foi dado quando passei a ouvir mais, escrever meus versos e ser convidado a participar do grupo Bronca & Cia, grupo que existia desde 89, que eu viria a fazer parte em 93.

A vida mudou! Eu treinava com meu primo Well uns versos e algumas letras do Filisofia de Rua, Gabriel O Pensador, Doctors MC's, dentre outros, mas cantar num grupo era algo que não passava pela minha cabeça até então, mas quando as oportunidades chegam você tem que está preparado para não deixá-la passar. Numa festa no condomínio Solaris, com Dj Shalom nas *Pick-ups*, e lado a lado com Thunder Hugo e Smurf MC, cantei duas faixas e desde então, permaneço até hoje.

Em 95, fundamos o grupo Mensagenegra, gravamos o sigle Terra sem Lei,

**Hot Black
Expo Afro 2019**

Foto: Marcos Fraga



Dj JB - Projeto Verão 2011

Foto: Júlio Detefon

em 96, que tocou na rádio Jornal, sob os cuidados de Toni Chocolate, e até o final da década e começo dos anos 2000, já estávamos no circuito Hip Hop com outros diversos nomes da época, como: Radiografia Mental, Atitude Verbal, Vulgo

Negro, Mulheres do Morro, ATN, Mente Armada... Grupos que logo se fundiram e criaram as suas POSSES – organização de grupos de RAP e Hip Hop para funções sociais e políticas – surgindo assim a UCRASE e Famíliativista, mais a frente a Nação Hip Hop Brasil e ALPV.

Os próximos 10 anos foram marcados por lutas políticas e atividades sociais e o que parecia superado pelo discurso do Rap, foi revelado que não seria necessário somente a fala em forma de música enquanto não estivéssemos nos espaços políticos e de poder. Começa o movimento de força cetrípeta. De forma análoga, o disco de vinil vai da periferia ao centro pra contar a sua história, e pode voltar quantas vezes for necessário para recontar a mesma história sob o comando do domador de discos, o Dj. Era isso que nos movia nas tarefas que assumimos para o Hip Hop: ser movimento. E seria da periferia para o centro.

*Que saudade do meu
tempo de oriança,
Quando eu ainda era
pura esperança!*

THAÍDE e DJ HUM

*É só mais uma
noite, vagabundo...
Tem que pagar umas
contas e tentar salvar
o mundo! Se der
chance eu quero ser
feliz... Eu mereço!*

EMICIDA

Quem conseguiu suportar os testes e provações nesta fase seguiu e demarcou espaços importantes, mas nada é tão cartesiano ao ponto de não haver depressões e rupturas. Poucos desta época estão ativos no Hip Hop, porém, são atores sociais que sabem que a cultura Hip Hop não é fim, e sim, meio. Tod@s aprenderam com essa escola e pavimentaram o caminho das suas vidas levando os valores de camaradagem, respeito e amor próprio pra seus lares. E sempre que possível, revisitam a

cultura nas festas e atividades da cidade. Algumas dessas atividades asseguradas por leis municipal e estadual, que garantem a inclusão do Hip Hop no calendário de atividades ano a ano.

Até 2015, o Hip Hop de Sergipe já teria conquistado espaço na mídia local e nacional com os programas, Império Periférico (rádio Aperipê FM), Periferia (Tv Aperipê) e Estação Periferia (Tv Brasil) e ter grupos na *line* dos grandes festivais na cidade e estado, a exemplo do Projeto Verão e Verão Sergipe. Nada disso foi dado de bom grado. Foi conquistado pelos e Manos e Manas que se dispuseram a lutar por este espaço.

*Nossos motivos pra lutar
ainda são os mesmos!*

RACIONAIS MC's

MH2C

Semana do Hip Hop 2012

Foto: Júlio Detefon





Graffiti Semana do Hip Hop 2012

Foto: Júlio Detefon

Parece que tudo está bem e que a sensação de domínio da cena em eras virtuais com smartphones e tablets a tiracolo, põe a cultura numa vitrine de case de sucesso. Mas se engana quem acha que a plástica substituiu o quesito rua. Tem uma cena viva e forte que ainda estão nas ruas fazendo suas ações, o melhor, nunca abandonaram o posto nas esquinas e cantos das quebradas. Se em outrora tivemos os circuitos Grito da Periferia, Passarela do Hip Hop, Noiz no Centro, Sintonia Periférica, QG das Quebradas, Fórum Sergipano do Hip Hop, hoje uma forte presença de coletivos e atores sociais estão ocupando as praças das mais diversas periferias e zonas centrais para realizar as Batalhas de MC's, que desde 2007 existe em Aracaju.

É verdade que temos rodas de freestyle acontecendo na cidade e isso tem pro-

jetado novos nomes e fortalecido coletivos a seguirem fazendo o Hip Hop como precisa ser feito: na rua. Mas é necessário incentivo e investimento para que a periferia possa produzir e viver da sua cultura, aliás, a periferia é um estado de cultura. E não espere nada do centro se a periferia estiver morta!

Uma boa iniciativa nesse sentido foi o retorno do Projeto Verão que proporcionou a Arena Criativa, que oportunizou mostras musicais e a realização de duas batalhas com estrutura de gente grande. Nos dias 1 e 2 de fevereiro, 16 MC's e 8 duplas de *Breaker's* disputaram um prêmio em dinheiro, além dos grupos receberem pra tocarem na programação. O evento foi recorde de público nos 2 dias, fato esse que abriu portas para uma batalha na Virada Carnavalesca no dia 15 do mesmo mês.



**Batalha de MCs
Arena Criativa 2020**

Foto: Edu Freire

Tem muito chão por percorrer. E de fato, novas caras e coletivos devem fazer isso nos anos vindouros, sobretudo com a forte presença das Manas na cena. Nomes como Bruxas do Cangaço, Volúpia, Artigo 163, FlorMarias, YALA RV, Negratcha, FlowMinas, Cangaceiras Crew, MC Louis, só pra citar algumas, vem costurando um tecido bem resistente na busca por respeito e direito de fala. Também

se somará a esta luta o Pardal e DGordo, Aleck Albert, Arauto, Os Periféricos, Juliano UMSário, Relato Verdadeiro, SMP, Dj Edinho, Evolugipe... A lista é grande!

Tem coisas que ainda não estão aqui nesse breve relato memorial, afinal, 25 anos não é tão fácil de contar numa canetada só. Até tentei nas 16 linhas que escrevi em 'Sonhos Reais' a convite do meu Mano Aleck, que disse assim:

Relato Verdadeiro

Foto: Marcos Fraga



Fra eu
O destino, um papel e a caneta
Escrever a história de um Pantera Preta
Entre as tretas das gratas, queria ouro e nem tinha bronze
Cresci sem pai, nas ruas, anos 90 eu com 11
Entre os giros de costas e os passos do Michael
Foi questão de postura, o MC e o palco
Virou contratos e caches, dinheiro na conta
Ver os pretos vencer na quebrada soa afronta
Minha ancestralidade me trouxe até aqui
Meu amor pela causa, foi o que me fez MC
Os 'zôio' gordo na estrada, investiu pra eu desistir
Mas se engana quem acha que o melhor não tá por vir
Entre os toques de tambor e a justiça de Xangô
Kaô! Kaô! Que me proteja onde quer que eu for
1 por amor, sonhos reais
Deixa eu ir buscar a minha cotã e honrar meus ancestrais

Tem muita coisa guardada que numa próxima eu conto.

***Rapper e presidente Estadual da Nação Hip Hop Brasil.**

Deixo aqui, desde já, a promessa de voltar! 

O (SUB)SUMIÇO DE SANTA ISABEL E AS FESTAS JUNINAS

**Claudefranklin
Monteiro Santos**

Eu sou filho de viúva desde 1982 (minha mãe faleceu em 2006). Nesse sentido, em Lagarto-SE, era comum, sobretudo na minha infância, acender fogueira no dia dedicado à Santa Isabel. Quando fazia meu estoque de fogos para as festas juninas, eu planejava usá-los entre os dias 13 junho e 2 de julho, período compreendido para as festas de meio de ano, dedicadas às memórias de Santo Antônio, São João, São Pedro e Santa Isabel.

Ainda hoje, uma fogueira solitária é acessa em frente do Cemitério Senhor do Bomfim no dia 2 de julho. Mas as comemorações em torno da mãe do profeta João se arreversaram consideravelmente, e sobressaiu-se o trio junino, eminentemente masculino.

Há, na Igreja Católica, pelo menos quatro santas com o nome Isabel. Isabel, de que tratarei aqui no contexto das festas juninas. Isabel de Aragão, Rainha de Portugal (1271-1336). Isabel da Hungria. E Isabel Rainha da França (1225-1269). Santa Isabel e Santa Isabel de Portugal têm suas memórias celebradas no mês de julho. A primeira no dia 2 e a segunda no dia 4.

Confesso que nunca entendi bem a relação de Santa Isabel com a viuvez, até conhecer a história de Santa Isabel de Portugal, que ao ficar viúva abriu mão das vestes reais e vestiu-se com o hábito franciscano, tornando-se para o catolicismo “o espelho das viúvas”. Considerando que a santa é portuguesa, do século XIV, não é estranho imaginar que fosse confundida, no Brasil, com o aprofundamento da fé católica a partir do século XVI, com Santa Isabel de São João e assim se cristalizou no imaginário e na fé do povo brasileiro.

**As comemorações em
torno da mãe do profeta
João se arreversaram
consideravelmente, e
sobressaiu-se o trio
junino, eminentemente
masculino.**

Outra representação atribuída a Santa Isabel de Portugal é a de ser a Padroeira das Santas Casas de Misericórdia. Beatificada pelo papa Leão X, em 1516, e Canonizada pelo papa Urbano VIII, em 1625, vê-se que sua devoção foi trazida pelos portugueses para o Brasil logo cedo.

Em Sergipe, a presença da devoção a Santa Isabel remete aos primórdios de sua fundação, orago de uma das primeiras povoações, com mesma denominação, no século XVI, em São Cristóvão. A Santa Casa de Misericórdia e Igreja Matriz de Santa Isabel, localizada na praça São Francisco.

Em Aracaju, o Hospital e Maternidade Santa Isabel, antigo Hospital de Caridade Senhora da Conceição, criado em maio de 1958 e depois renomeado em outubro de 1900. Também, em Aracaju, o Cemitério Santa Isabel e São Benedito (Bairro Santo Antônio), fundado em 25 de fevereiro de 1862.

A presença de Santa Isabel se verifica em alguns outros logradouros sergipanos. Ainda em Aracaju, além de Condomínio Santa Isabel, localizado no Bairro Industrial e Rua Santa Isabel (Bairro Cidade Nova). Em Propriá, a Travessa Santa Isabel. E em Pirambu, a Reserva Biológica de Santa Isabel.

Em outros lugares do país, a festa de Santa Isabel, mãe do Batista, está associada aos festejos juninos.

A relação de Santa Isabel com as festas juninas dá-se em razão de dois fatos. Um, de ordem bíblica, sendo ela mãe de São João Batista, o principal santo junino. E outro, à origem da prática cultural de



Santa Isabel de Portugal

Foto: Reprodução



Anúncio da Visitação por Fran Angelico 1395-1455

Foto: Reprodução

acendimento da fogueira, um dos símbolos mais representativos da festa.

Santa Isabel é citada no Evangelho de São Lucas (Lc 1,5-66). Ela e seu esposo, o sacerdote Zacarias, já estavam avançados em idade e ela era estéril. Deus havia lhe concedido a graça de ser mãe, apesar dos empecilhos naturais. Seu filho, segundo o anjo Gabriel, seria “grande aos olhos de Deus”. Sua fama alcançou todo o mundo cristão e no Brasil, como sabemos, é celebrado efusivamente no mês de junho.

Na esteira da narrativa bíblica, sobretudo na chamada cultura popular, nasceu a lenda em torno da fogueira. À mesma época, no Reinado de Herodes na Judeia, uma jovem chamada Maria (Nossa Senhora) também recebeu a visita do anjo Gabriel que lhe anunciou a chegada de seu filho, Jesus Cristo. No Evangelho de São Lucas, Maria e Isabel eram parentas, em algumas versões, primas.

O texto bíblico narra que ao sexto mês de Isabel, Maria foi lhe visitar, no alto das montanhas, numa região de Judá. De fato, houve o encontro das duas, mas não há referência à fogueira, ou mesmo à promessa de Santa Isabel de acender uma fogueira para que Nossa Senhora ao longe pudesse saber do nascimento de João.

Em *Festas e Tradições Populares do Brasil* (1888), Melo Moraes Filho assim descreve a origem popular da fogueira, geralmente contada pelas avós aos netinhos em festas de São João, no século XIX: “(...) Santa Isabel, que isto sentiria, não tardou em comunicar o milagre à Virgem, que, exultando, perguntou-lhe: ‘Que sinal me dareis quando nascer vosso filho?’, ‘Mandarei plantar nesta montanha um mastro com uma boneca e acender em torno uma grande fogueira’, respondeu-lhe. ‘E de feito: na véspera de S. João, a Mãe de Deus, vindo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel’ (p. 99)

Outra representação atribuída a Santa Isabel de Portugal é a de ser a Padroeira das Santas Casas de Misericórdia.

A história caiu nas graças das pessoas mais simples que se encarregaram de dar a sua versão, tornando-se popular, sobretudo no Nordeste brasileiro. Tendo João nascido em junho, nada mais propício do que celebrar o fato com o acendimento da fogueira.

A representação junina de Santa Isabel figura no cancionário de Luiz Gonzaga, em *Lendas de São João* (1958): *Diz que Santa Isabel / Disse a prima Maria / João vindo ao mundo / Lhe aviso no dia / Ao ver no meu rancho / Um grande clarão / E uma fogueira / Nasceu São João / Por isso que o mundo / Com mui-*

ta razão / Assim festeja / O Senhor São João. Ainda com relação às canções Luiz Gonzaga, alguns de seus personagens são inspirados em santos católicos (Marinho, 2015). No caso de Santa Isabel, a expressão Zabé.

Em que pese Santa Isabel de Portugal está muito presente nos lugares sergipanos, sobretudo aos voltados para o leito de convalescência ou para a morte, e, notadamente confundir-se com a Santa Isabel de São João Batista em estado de subsumição, sobretudo ao que tange aos festejos juninos na capital e no interior, valho-me de Melo Moraes Filho para traduzir, bem anos antes, o que Peter Burke chamaria mais tarde de circularidade e hibridismo cultural: “Com o tempo, essas festas enriquecem-se de superstições que desceram de suas religiosas origens, tendo para esclarecer-lhe a marcha os fachos de resina e o luzir incendiado da pólvora em detonações fascinantes” (p. 98) 



Hospital Santa Isabel, ontem Aracaju

Foto: Acervo da Instituição



Hospital Santa Isabel, hoje Aracaju

Foto: Acervo da Instituição



Igreja e Santa Casa de Misericórdia - São Cristóvão

Foto: Família Badini

FOLHA DA PRAIA

UM MERGULHO NA HISTÓRIA DO JORNALISMO ALTERNATIVO EM SERGIPE

Yago Andrade

Tudo começou ainda no ‘preto e branco’. 1981. À época, a Ditadura Militar vigorava no país e a pequena Aracaju era palco de uma efervescência de artistas, escritores e jornalistas que buscavam seus espaços em meio ao conservadorismo dos veículos tradicionais da imprensa. Com o intuito de dar voz a essa juventude dourada da cena cultural sergipana, surgia então em 5 de fevereiro daquele ano o Jornal Folha da Praia.

A capital sergipana naquele período era uma cidade com poucas opções de entretenimento para os mais jovens, assim, a praia, apesar de ser pouco acessível aqueles que não tinha transporte, era um dos locais mais buscados para encontrar os amigos, jogar conversa fora e se divertir. Neste contexto, surgia também alguns espaços criados pela juventude para seus iguais, dentre eles uma ‘Rua de Lazer’ localizada na Rua Luiz Chagas, no Bairro Atalaia.

Fundado pelo jornalista e escritor Amaral Cavalcante, e seu companheiro à época, o bailarino Erê, o local era frequentado por artistas de diversas vertentes culturais, tornando o espaço um ponto de encontro da juventude alternativa em Ser-

Foto: César Oliveira

gipe. Foi em meio a estes encontros que surgiu a ideia de criar o Jornal Folha da Praia, como explica Amaral.

“Como a cidade não tinha absolutamente nada de lazer ou cultura para oferecer, nós fizemos uma rua de lazer para proporcionar isso às pessoas. Eu morava com Erê, um companheiro meu. As pessoas vinham no sábado à tarde, em grandes grupos, com violão, patins, enfim. E ali começou a se ferver o espaço, juntando todos os grupos em um só local. E dali surgiu muitos grupos e duplas de músicos, bandas. O jornal surgiu nesse contexto”, destaca o editor e um dos fundadores do Folha da Praia.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Com sede na Rua São Cristóvão com Rua da Frente, no Centro de Aracaju, o Jornal funcionava com periodicidade semanal e era distribuído gratuitamente para a população pela equipe do Jornal. Era voltado sobretudo para as pessoas que frequentavam a praia, escrito muitas ve-

zes por estas pessoas. “Era basicamente um jornal de praia. Escrito pela galera que frequentava a praia. Sempre foi uma mistura de muita gente. Tinha uma porção de gente agregada que escrevia em toda edição. É mais ou menos como funciona a revista Cumbuca hoje”, explica Amaral.

Segundo o jornalista, o intuito da publicação era fazer o leitor se enxergar nas páginas do Folha da Praia, tanto nos textos, quanto através das fotografias presentes em cada edição, dando voz a essas pessoas, algo que a mídia da época não fazia. E tal questão é trazida no próprio slogan “O Jornal do Leitor”.

“Distribuíamos o Jornal em um final de semana e no outro as pessoas queriam se ver, porque saíamos toda equipe acompanhada com os fotógrafos. Foi uma oportunidade que se deu para que um determinado público pudesse se posicionar. Os outros jornais eram sisudos, não abriam espaço para que todos tivessem posicionamento. E muitas pessoas que escreviam ‘besteiras’ em nosso jornal, terminaram como grandes jornalistas hoje em dia, como Luciano Correia, Elton Coelho, Marcos Cardoso, Gilvan Manoel. Centenas de pessoas que fizeram jornalismo ou seguraram outras carreiras passaram pelo Folha”, descreve.

Foto: Altamiro



FOLHA DA PRAIA

ANO I
NÚMERO ZERO
Aracaju 12 de fevereiro
1981

ATALAIA MULHER



Foto Osmar



Foto Osmar

Estando eu, pensando na explosão demográfica que ameaça Sergipe, eis que chega de repente um convite inusitado: escrever num jornal da praia. Pelos belos bigodes do Amaral. Claro que topo. Sem nem pensar no estilo ou orgulho jornalístico, solto a mente e deixo o braço livre para desabafar o que está guardado há mais de doze anos. Afinal, frequento este pedaço do Edon desde o longínquo e opressivo 1969.

Antes de mais nada, é preciso alertar aos leitores. Sei que a maioria deles é constituída de pessoas que — pasmem — não mora na Atalaia. Quem mora neste pedaço — que pedaço — sabe que aqui tudo é diferente. Querem ver?... Onde moram as pessoas mais saudáveis e bonitas de Aracaju? (mo dêstia à parte)... Na Atalaia, em côro, responderão vocês. A Atalaia é tão diferente, que pessoas livres e sem preconceitos como Amaral e Ricardo, moram na rua da Delegacia. Pode ser? Em outro local haveria inevitáveis choques de cultura. Mas na Atalaia, dá gosto ver nos finais de semana, a garotada liberar o corpo e a alma em cima dos "Rollers da vida", sob os olhares extasiados dos felizes policiais da Atalaia. Mas não é só isso. Onde você encontra o melhor visual e o melhor papo de Aracaju?... Na Atalaia portanto não se faça de rogado. Abra mão do orgulho e reconheça — como diz o Joubert — aqui, as estrelas formam triângulos e os fluidos cósmicos, são uma constante.

Alguem já disse que a Atalaia era refúgio dos artistas — protesto, apesar de morar na rua Mério Jorge Vieira — A Atalaia é a única

morada decente que existe e Aracaju. Afinal, onde vou encontrar batida melhor do que a do velho manequito? ou calpiríssima mais farta do que a do China? reclamam dos roubos, mas ladrão só rouba dos ricos e quem teve a cabeça feita nunca declarou imposto de renda. Nem eu nem o Amaral, nem o Berto, nem uma pá de gente já perdeu alguma coisa para esta turma. O que mais posso dizer da Atalaia... que andar de calção, sem camisa é o fardamento obrigatório? que a ordem é ser feliz? zorra, vamos parar por aí que tá parecendo linguagem de caserna. Mas é isso aí, a Atalaia é o maior astral da cidade, quer você esteja no Jober, no Joia, no Quintal ou no Lumiar. Mas o melhor ainda é conhecer as feras em casa: Quem ainda não foi até o Atelier, estúdio, ou maloca de algum maluco que resolveu morar na Atalaia não sabe o que está perdendo. Não perca mais tempo. A coroa do meio ainda cabe mais um. Procure a corretora mais próxima, alugue uma casa na Atalaia, e continue comprando a "Folha da Praia". Valeu a força...

Nestor Amazonas

TODO
MUNDO
ESTÁ NA
PÁGINA 3



Capa da Folha da Praia número zero

O Jornal possuía uma vertente totalmente democrática, publicando diferentes opiniões em suas páginas, gerando assim debates de ideias entre o público leitor. Era espaço para dar voz a todos os tipos de pessoas, classes e credos, onde todas as manifestações eram bem-vindas, como explica o fundador e editor do Jornal. "As pessoas mandavam as matérias e nós líamos, daí aceitávamos publicar ou não. Geralmente todas as matérias eram aceitas porque seguíamos a linha de raciocínio de ser um jornal livre, com várias opiniões, discussões, estávamos iniciando a abertura democrática. E o jornal era um ambiente para todos. O jornal foi certa revolução de costumes, era na verdade um grande indutor dessa revolução dos costumes. Foi onde começaram a aparecer os barbudos, cabeludos, os LGBTs, negros, grupos que não eram destacados e que começaram a ganhar espaço. Era um lugar livre, onde todo mundo se manifestava. Isso na década de 1980 era uma enorme revolução", lembra Amaral.

DIALOGAY

De 8 à 15 de julho realizar-se-á em Salvador a 33.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência. Trata-se do principal encontro nacional de cientistas, professores, universitários, estudantes, ocasião em que a comunidade científica tem tomado importantes posições políticas, cada vez mais críticas e identificadas com os interesses dos oprimidos. Neste ano grande parte dos debates estarão centralizados na questão indígena e negra. Ótima oportunidade, portanto, para chamarmos a atenção do país para a questão Homossexual. No ano passado os grupos homossexuais do Rio coordenaram uma grande seção no hall da Universidade, da qual participaram mais de 600 pessoas. Foi uma presença marcante do MH. Sugeriram-nos para a Reunião da SBPC deste ano, que se propuzesse uma mesa redonda e outras ativida-

des das quais participariam "Cientistas gays". E assim sendo pretendemos repetir a dose do ano passado, e realizar uma grande seção pública, um Ato Público - que teria como tema "OS GRUPOS HOMOSSEXUAIS E A CIÊNCIA". E ainda pretendemos fazer circular entre os cinco (5.000) mil participantes da SBPC um abaixo assinado encabeçado, se possível por todos os grupos fxs. do Brasil, exigindo a extinção do parágrafo 302 do Código de Saúde do INPS que considera o hxl¹ como "Desvio Mental".

Quem estiver interessado em participar junto conosco deste encontro da SBPC, é só procurar um dos componentes do Grupo Dialogay e fazer a sua inscrição.

GRUPO DIALOGAY DE SERGIPE GRUPO GAY DA BAHIA (G.G.B.)

Movimento Feminino

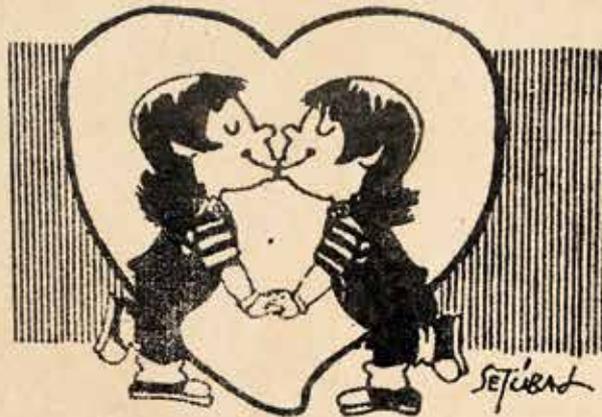
ESTRELINHAS GAYS

No dia 28 de junho é comemorado mundialmente o DIA INTERNACIONAL DO ORGU-LHO GAY, e para este dia o Grupo DIALOGAY de Sergipe está se movimentando para uma programação cultural, como: teatro, cinema, dublagens, palestras, debates, comidas. O nome para a nossa festinha é: "FORRÓ XE-GUEI", o local para estas apresentações ainda não está solucionado, mas de hoje a quinze nós daremos todos os detalhes neste mesmo local a respeito deste dia maravilhoso.

O Grupo Gay da Bahia estará lançando também neste dia uma revista gay, intitulada "MH NORDESTINO" - "BICHANA", que circulará por todos os Estados do Nordeste e terá também notícias de todas estas cidades.

x-x-x.

De 8 a 15 de julho realizar-se-á na cidade de Salvador a 33.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) Trata-se do princi-



importantes posições políticas, cada vez mais críticas e identificadas com os interesses dos oprimidos. Neste ano grande parte dos debates estará centralizado na questão indígena e negra. Ótima oportunidade, portanto, para chamarmos a atenção do País para a questão homossexual. No ano passado, os grupos homossexuais coordenaram uma grande seção no hall da Univer-

redonda e outras atividades das quais os cientistas gays vão participar. E para este será realizada uma grande seção pública - Um Ato Público - que teria como tema: OS GRUPOS HOMOSSEXUAIS E A CIENCIA. Daqui, irá uns quatro ou cinco componentes do Dialogay e outras pessoas interessadas a participarem da SBPC.

uma repressão generalizada sobre as bichas, lésbicas, travestis, prostitutas, negros e marginalizados em geral e contra essa repressão policial foi organizada a primeira manifestação dos gru 2020 Cumbuca | 53 s organizados através de um ato público e uma passeada pelo centro da cidade de São Paulo. Uma das propostas aprovadas pelos Gru-

(1 Encontro Paulista Homossexuais) Or promover manifestação de reuniões me lésbicas participando diversos grupos org ta luta contra a d leva a necessidade tiva participação t vimento feminista movimento homos os grupos gays do tam importante a encontros regionais a fim de que possam contrar formas de todas as padronizar cam homogeneizar as idéias, os deseje excluído o prazer e beijo ateu, os seios os anseios da C Transformar, forma mar criando outra idealizar os sentime e novamente deseje seios, os beijos, o novo...



MANUTENÇÃO DO JORNAL

Falando a linguagem do público que frequentava as praias e totalmente gratuito, a publicação logo ficou conhecido na cidade, sendo cada edição aguardada pelo seu público leitor. A renda para manutenção do Jornal e da sua equipe era retirada totalmente dos anúncios que eram veiculados semanalmente. A procura dos anunciantes era alta, segundo Amaral, inclusive do Governo, que começou a ver no Folha um ambiente propício para divulgar suas

ações, visto que conseguiria atingir grande parcela da população.

“Saíamos em grupos, pessoas bonitas, com roupas chamativas que distribuíam os jornais e isso chamava atenção de todos. Tudo que falávamos era em cima de fatos, políticos ou não, que estavam ocorrendo naquele momento, e que outros jornais às vezes não abordavam ou eram feitos de forma de releases. Nós fazíamos diferente. Era um jornal absolutamente livre. Não tinha nenhuma censura e tinha apoio popular. Foi com essa repercussão que começamos a vender espaços no jornal. As pessoas davam dinheiro e publicavam seus anúncios. Com esse valor foi que começamos a manter o jornal, a viver

**DEFESA A
E COLOEIA**



Avio, Toninho, Tânia e Cristina

CASA

SANTA ROSA



JORGE REZENDE LUZ

MATRIZ: Rua Santa Rosa, 173/175-Faixa | 223-2806
C.B.C. 19.008.386/000-10 | 223-2794
Insc. Est. 97.000.097-4 | 223-7628
FILIAIS: Rua Florentino Marques, 82 - Tel. 222-6428
R. Mariano Belarmino, 870-274 - Tel. 223-0718
DEPOSITO: Av. Coelho e Campos, 41 - Aracaju - Se

CHOPARIA E BOITE

ESCUNA

NAVEGUE NO CHOPP E
MERGULHE NO SOM

Av. Rotary 147 - Atalaia

**SORVETERIA
ATALAIA**

SORVETES DE FRUTAS E LANCHES EM GERAL

Atalaia - Aracaju - Sergipe

SORVETERIA

Rua Itabaianinha, 21
Aracaju - Sergipe

CINELANDIA

PALHOÇA

PIZZARIA E CHOPARIA

Venha curtir o Outro lado
Rua Laranjeiras (em frente à linha de trem)
BAIRRO SIQUEIRA CAMPOS

Jump's

Jeans

Alex & Cacá

RUA ITABAIANA, 35 - LOJA 02



APRENDA A DANÇAR
Jazz, Dança Moderna, Balet Clássico
com os melhores professores da Cidade
LUCIANO LUCIANI
IRACEMA MAYNARD
MATRÍCULAS ABERTAS
Rua Pacatuba, 301 - Fone: 222-0901



OLHA AÍ, RAPAZIADA, SILK SCREEN COM BETINHO
RUA N.S. DAS DORES 501 F. 2213426

Suprema

MODA SPORT

**MANUEL
SOM**

LUZES RECENTES



FlipFone GTE.
O telefone eletrônico
com teclado.



desse valor. Papéis ficaram caros, a tinta, o maquinário, mas nós precisávamos manter o jornal ativo todos os domingos. Depois de um tempo o Governo começou também a veicular com o jornal. Eles viram a importância que o jornal tinha”, explica Amaral.

Para gerenciar a parte comercial do Jornal, Amaral contava com o apoio do seu sócio e também fundador do Folha da Praia, Ricardo Mansur, o ‘Ricardo da Batata Quente’. “Minha função principal era a comercial. Dos primeiros números. Todas as publicidades foram comercializadas por mim”, explica Ricardo. Atuando hoje como corretor de imóveis, ele detalha que a experiência de participar do Folha foi enriquecedora.

“Eu, Amaral e todos os colaboradores, que eram muitos, fazíamos tudo, inclusive a distribuição que era gratuita. Atingíamos principalmente os jovens que viam no Folha da Praia um jornal sem censura e falando uma linguagem bem fora dos padrões da mídia convencional. A experiência foi incrível. Aprendi muito. Começamos a ter voz e o jornal rapidamente ficou conhecido. Cada vez aparecia mais pessoas interessantes para colaborar de todas as formas”, conta Ricardo.

COLABORADORES

Ao longo dos anos, o Jornal teve centenas de colaboradores que puderam deixar suas marcas no Folha e obter experiências redigindo para o expediente. Alguns, após 39 anos, permanecem ativos contribuindo com o Jornal que atualmente funciona de maneira trimestral, outros seguiram rumos diferentes que não o jornalismo, mas sem dúvidas lembram da importância de suas passagens pelo Folha da Praia.

Exemplo disto é Tanit Bezerra, que fez parte da primeira equipe do Jornal, ainda em 1981, quando tinha pouco mais de vinte anos e cursava Odontologia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Amiga dos artistas, surfistas, dos gatos e gatas da cidade, como a própria se descreve, Tanit recebeu o convite para integrar a equipe do Folha em um dos encontros na casa de Amaral.

“No pós-praia, nos finais de semana, nos reuníamos na Rua Luiz Chagas, onde moravam Amaral e Ilma Fontes, Ricardo Batata e sua família. A *vibe* da época era andar de patins. A prefeitura colocou um asfalto novinho na rua, perfeito para os patins de rodinhas. Era diversão e encontros da Tchurma intelectual da época, eu era a mascote, tinha trânsito livre com todos e, desses encontros domingueiros, entre papos e patins, surgiu a história do “Folha da Praia”. Naquele momento, o poeta me convidou para fazer uma coluna social no jornal. Topei na hora, amo desafios, me inventar e reinventar. Era uma coluna, uma tirinha vertical, com notícias falando de uns e outros, amores e desamores, eventos e contratempos. Uma

TANIT



Realmente o tempo não está dos melhores e a praia não tem sido uma boa opção, mas os insistentes sempre esperam que um solzinho pinte no céu.

X X X

Aconteceu esta semana o I Campeonato de Boliche. Foi bem movimentado e é isso aí! Vamos aproveitar essas promoções para dar uma saída, deixar as novelas em casa e pintar na praia.

X X X

Ainda do Boliche participaram do campeonato, o Chico e Toinho Vilanova, Betânia, Anton, Itamar, Fernanda, Gegea e muitos mais que estiveram por lá.

X X X

Segunda última até que a Atalaia esteve movimentada, devido ao feriado da Terça-Feira. Pintaram na Escuna: Jorge, Thais, Dalma, Ana, Sandoval, Valfran, Leandrinho etc.

X X X

Mesmo com as chuvas, o tempo continua abafado e quente. Nada melhor para esfriar este calor que um sorveteinho e a Cinelândia como sempre está de cima.

X X X

Terça próxima, dia 24, mais um aniversário na Praia! Desta vez é o Berto que apaga mais uma velinha. Parabéns e mil felicidades.

X X X

Deixando de vez a nossa terra via São Paulo, o Japonêsinho Cláudio Eigi vai deixando saudades na Maninha Thais que está cada vez mais tristonha.

X X X

Marcando presença domingo último na Corde do Meio, Soninha, Arizinho, Rejane, Tânia, Marquinhos, Cristiano e outros que não deu pra anotar.

X X X

Já mais uma vez promovendo shows em Aracaju. Desta vez foi Duardo Dusek. Quem não viu, perdeu um bom show.

studium danças
studium danças
studium danças

JAZZ - AFRO - DANÇA
CONTEMPORÂNEA - Turmas de iniciação e adiantados para crianças e adultos.
MANHÃ TARDE NOITE
DANÇA É NA STUDIUM
Barão de Maruim, 719

BARBUDO'S

RESTAUR 2020 Cumbuca | 57

O PIONEIRO DA MADRUGADA

Avenida Oceânica, 40 - Aracaju - Sergipe

MAR HOTEL

Valentim Prado
SOCIO PROPRIETARIO

Rua João Manoel Sobral, 31 - ATALAIA

Fone: 3641738 - 301-0391

Rua João Manoel Sobral, 31 - ATALAIA

Fone: 3641738 - 301-0391



Hélio Farias

Ronald Cabral Simas (diretor comercial)

Fernando Sávio

Zenóbio Melo

Jorge Catacumba

Henrique Barbudo

Bittencourt

Luciano Correia

Moura

Sérgio Picolé (corretor)

Gigi

Carlos Magno

Iara Vieira

Erê

Equipe Folha da Praia, 1983

Fotos: Fernando Souza

Ilma Fontes

Amaral

honra que hoje, tenho ciência da dimensão de fazer parte dessa história”, conta.

Segundo Tanit, além de ter a coluna que levava seu próprio nome, ela, assim como os outros colaboradores distribuíam os jornais nas praias todas as semanas e a receptividade do público era excelente. “Era uma época feliz, livre, de gente bonita, bronzada, tipo verão o ano inteiro. Todos, de todas as tribos amavam o momento em que o Folha chegava na praia. Momento de parar para ler e saber

o que continha naquelas páginas, como um tesouro não desenterrado da areia, mas que chegava às nossas mãos, trazido pelo próprio poeta, Amaral Cavalcante” detalha Tanit.

Além de Tanit, outros renomados jornalistas também fizeram parte do corpo do Folha da Praia por muitos anos, dentre eles, Luciano Correia, Elton Coelho e Antônio Passos. Confira abaixo um pouco do que estes colaboradores dizem sobre essa experiência!



FOLHA DA PRAIA

Editor – Amaral Cavalcanti
Assistentes de Edição – Fernando Sávio, Ilma Fontes
Coordenação – Ronald Cabral Simas
Publicidade – Carlos Magno – Sucupira – Carlos Bittencourt

Arts – Betinho
Diagramação – Ivan Valença
Tiragem – 3.000 exemplares – Distribuição gratuita
A Direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.
Editado pela: Composição Editora e Publicidade Ltda
Edifício Cine Pálace – Sala 5.

Em plena euforia do "milagre econômico", falou-se na possibilidade de deslocar dos países industrializados para o Brasil, fábricas altamente poluentes que causavam mal-estar e despertavam iras na opinião pública em seus países. Espalhando veneno, essas indústrias todavia proporcionaram empregos, e foram na maior parte destinadas à produção de bens exportáveis. A ideia felizmente morreu, mas o incrível nessa história, é que em nenhum momento



COISAS ASSIM

Parece que o céu ficou muito monótono e os organizadores da festa eterna resolveram convocar uns músicos "quentes". Daí foi o John Lennon, o Guima e agora o Assis Brasil. O céu já devia estar cansado do Nat King Cole, do Xixo Alves, mas acho bom parar com isso porque até o Henrique dos Aracaju já foi nessa.

Como a alegria é a prova dos nove e o humor poderá ser sonegado, vai Denise Stoklos para Aracaju pela SCAS. Denise é uma mulher que faz você rir por 60 minutos sem parar. Ela está vindo de Londres (onde passou três anos) com vários espetáculos pela Europa e aplaudidíssima pela crítica do Rio, São Paulo e Paraná. É bom ficar atento

pra não perder sua apresentação no Atheneu. Trata-se de música. E Marcel Marceux que se cuide.

Yoya Wurch, aquela que diz que a vida se faz com graça e intensão, está ultimando uma peça para teatro chamado "A Fina Flor". É uma comédia de dois atos pra você se escangalhar de rir. E como Yoya até tem síndrome de abstinência de saudades de Aracaju, esta será uma das primeiras cidades a ser visitada pela "Fina Flor". Vai demorar uns cinco meses pra chegar, mas aguarde.

Alliás, a coluna que eu gostaria de assinar no Folha da Praia era a de Correio Sentimental. Taí o endereço pra quem quiser abrir o coração para uma psiquiatra que fechou o consultó-

rio por amor à arte. Lembrando o Bené Fontelle: antes arte do que tarde, campanha que também foi aderida por Joubert Moraes desde os seus tenras quatorze anos.

Alô Zezé, alô Ricardo, Erê, Ivan Valença, Nino Porto, Denise, Luiz Mangueira, Silvinha Leite vocês têm recebido as mensagens telepáticas que eu tenho mandado pela central do Amarel? Nem a Siomara lhes falou disso no Jornal da Sete? Acreditem na transmissão do pensamento, mas escrevam cartinhas, cartões, borbotões pra minha saúde.

ILMA FONTES

Páginas internas do Folha da Praia

Atheneu Livre

CARLOS MAGNÔ vos talentos poderão expor seus trabalhos, (sem censura) inscrições com Rita, orientadora.

Conquistamos a mais importante entidade de base de estado, pois nela podemos desenvolver um trabalho que atingirá a grande massa estudantil.

O Atheneu conta no momento com quase 5000 estudantes. Isso significa que temos condições de realizar um trabalho que promete ótimos resultados.

No programa cultural estamos com tudo, Festival de música, Concurso de poesia falada, cinema, teatro, artes plásticas e a mais nova criação que será o I CONCURSO DE PIADA FALADA DO ATHENEU; além de muitas outras coisas correlatas à cultura.

Nos esportes, estamos dando todo apoio através da comissão de esportes, formada por uma equipe de estudantes mais ligados à área, e tudo indica que seremos mais uma vez campeões dos jogos da primavera.

- X X X

Uma massa, massuada, é Jã, que foi destaque no I ENCONTRO METROPOLITANO DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. Tá aqui no Atheneu e vai dar a maior força à nossa entidade.

X X X

O companheiro Magal da comissão de cultura pro fotografia de tendência anarquista nos deixou e foi agitar na UGUES no Rio Grande do Sul.

X X X

A nova onda do centro cívico foi a criação do "MURAL-SINHO POETICO" onde os no-

vos talentos poderão expor seus trabalhos, (sem censura) inscrições com Rita, orientadora.

X X X

Quem não viu o bronze de Martinha (manhã) que curtiu um louco carnaval na Atalaia nova?

X X X

Não estamos satisfeito com a atitude do Prof. Leão M. Brasil de inescrupulosamente meter o material do atelier dentro do Centro Cívico sem nos comunicar. Caso o material continue lá, vamos inflamar a turba ignara.

X X X

O pessoal do 1.º ano G, noite, tá afim de achar um novo ponto de encontro na Praia, pois a Cabana tá muito banderosa.

X X X

Aridônia a social democrata da comissão de esportes, tá com mil e (uma) idéia(s) prêsse ano. Vamos ver se se se sem BEM-TI-VI ela se orienta.

X X X

Estamos fiscalizando a cantina do colégio para que não haja a mesma exploração do ano passado, se houver, lançaremos de imediato o boicote.

Tive um papo com Amaral Cavalcante, conversei com o pessoal do Centro e tamos mesmo afim de tranzar ECOLOGIA. Vamos marcar uma reunião com ou sem o bigode do Amaral, pra discutir. Vai ser uma boa.

O EXEMPLO DA ATALAIA

Luiz Eduardo Costa

Em plena euforia do "milagre econômico", falou-se na possibilidade de deslocar dos países industrializados para o Brasil, fábricas altamente poluentes que causavam mal estar e despertavam iras na opinião pública em seus países. Espalhando veneno, essas indústrias todavia proporcionaram empregos, e seriam a sua maior parte destinadas à produção de bens exportáveis. A idéia felizmente morreu, mas o incrível nessa estória, é que em nenhum momento se tenha levado em conta o problema ecológico.

Como fazemos parte do terceiro mundo, aqui tudo chega depois. Até os modismos da intelectualidade européia e norte-americana, costumam aportar em Ipanema com dois a três anos de atraso.

A controvérsia das esquerdas envelhecia na Europa, e chegou novinha em folha, trazida ao Brasil pelos exilados que retornavam, tangidos pelos ventos da abertura. É verdade que antes, o clima não era propriamente favorável a esse tipo de controvérsia, ou mesmo a qualquer outra forma de debate.

E em meio a essas discussões, chega Fernando Gabeira,

lembrando aos tupiniquins que de pouco vale consumir tempo, esforços e inteligência, alimentando um debate político, buscando fórmulas malficadas de modelos econômicos e sociais, que se todos martirizados pela sensação de esclerosa a que chegaram marxismo e capitalismo, enquanto a frágil e limitada camada em que vive o homem sobre a terra, a biosfera na expressão de Chardin, se deteriora se torna árida, cinzenta, mortífera.

De repente a consciência ecológica se fortaleceu, não como diante do ar que se torna pestilento, das florestas que desaparecem, do mar que se enche de detritos, dando a sensação de que estamos todos condenados à morte lenta e inexorável numa cloaca imunda em que estão a transformar a terra.

E a Atalaia, onde já pouparam alvas e tranquilas as garças, pela ação dos seus moradores, principalmente os jovens, que evidentemente olham com mais preocupação o futuro, desperta para a constatação de que é preciso preservar o meio ambiente, que é preciso criar uma alternativa de vida.

Que o exemplo da Atalaia possa contagiar Sergipe...

O Negro em Sergipe

... evidentemente que os fatos do racismo do negro pelo negro são comprovadamente claros no tocante ao intra-relacionamento do negro sergipano. A notoriedade histórica perpetua o comportamento sem mudanças: no sentimento de culpa, na insegurança perante o sistema que o oprime, sem que o negro se posicione assumindo o espaço que lhe é de direito.

A eterna relação Branco x Negro, onde o branco é o Senhor, patrão, proprietário e o negro é a peça, subserviente, humilde (e humilhado), fixa um quadro de masoquismo imotal. Pior ainda o distanciamento do negro perante seu irmão de cor. Esta imitação do negro, em pensar, agir, absorver os valores e a psicologia do branco levando-o a discriminar o irmão de cor faz com que se imponha a necessidade de um Movimento Comunitário Negro em Sergipe. Daí a proposta de congregarmos os negros sergipanos para uma tomada de consciência e revisão das bases para uma nova estruturação comportamental, socio/político/cultural. Numa terra em que negro é preto e mulato é branco, falar em política em prol da cultura negra é mes-

mo um Deus nos ajuda. Senão, vejamos, quando se vai admitir um preto no Olimpio Campos? Na assembléia Legislativa ou na Câmara Municipal? Mulato pode. Mas os próprios negros mandariam o negro ousado procurar seu lugar, que é o de mero servidor.

Sem dúvidas, Sergipe Del Rey é o estado mais carente de movimentos negros dentre a Federação Brasileira. No entanto, em seu bojo, observa-se uma imensa carga cultural oriunda de mais de 35 etnias que, mesmo defasadas pela imitação da cultura colonizadora, se impõe nos ritmos, cores e sabores. Mas a psicologia e perfil do negro sergipano é ainda de inércia social, sem preocupação em termos de unidade, preservação de valores, passado, presente, futuro. Impossível permanecer nesta falta de perspectiva, nesta falta de identidade, desconhecendo seu passado e vivendo um presente na deriva de lances, numa acomodação indecente que só nos provoca desgosto.

Espero que Olorum nos de muito axé para que possamos ver além da superfície do nosso genocídio cotidiano.

Mú padá mó iró okurium

Severo D'Acelino

Ver ou não ver

Antônio Carlos Viana

Mário Vargas Llosa* esteve no Brasil para lançar seu novo livro "A Guerra do Fim do Mundo" e deu entrevista no Canal Livre. Foi uma noite em que o Brasil deveria ter corado de vergonha. Mas não corou. O nosso atraso em ver o mundo somente por um dos buracos da ideologia fugia à alçada do entrevistado e por isso os entrevistadores ficaram desorientados. De repente, não se tinha mais o que perguntar. Né-lida Pinón tentou salvar o que pôde, mas aí já era tarde demais. Antes dela, Moacyr Félix começara não por uma pergunta, mas por uma agressão a que Vargas Llosa chamou de caricaturização do seu pensamento. Também não se perturbou e respondeu de forma que fez o outro recolher-se e calar-se até o final da noite. Daí em diante o nível das perguntas ora subia ora descia, indo de reparos ao seu modo de trajar até questões tão complexas quanto as do ensino superior pago.

O que ficou patente desde as primeiras palavras de Llosa foi que ele não estava ali para defender esta ou aquela ideologia porque todas elas se unem enquanto elemento cercador do livre pensamento do homem. Deixou bem claro o seu antidogmatismo, sua ojeriza aos sistemas políticos que nos tentam calar em nome de uma suposta felicidade. Acostumados que somos a enquadrar as pessoas em

compartimentos estanques, a colocar carimbos fideis no seu modo de pensar, a entrevista refletiu bem esse atraso do brasileiro. Ao defender sua posição contra a criação de utopias, meio Brasil que estava vendo o programa não deve ter se conformado com o que ele expôs e justificou tão coerentemente. Preferindo partir de uma realidade imediata para não perder tempo na construção de sonhos impossíveis de sustentação pela nossa falta de respaldo histórico, Vargas Llosa pôs em xeque os velhos ideais humanista. De outra forma, acha que será sempre o embuste, a demagogia, a encobrir os verdadeiros problemas e adiar as soluções com a retórica fácil. Então ninguém mais o entendeu (ou não quis). Logo o homem pareceu estar, no mínimo vendendo a alguma multinacional (a paranóia funcionando a contento), defensor de uma literatura alienada e alienadora. O escritor peruano não defendeu nenhuma arte para o povo, não fez pregação, não agradou. Não adianta dar banho de ouro em objeto enferrujado. É tempo perdido.

* Vargas Llosa é um dos mais importantes escritores latino-americanos, autor de livros importantes como "Conversa na Catedral", "Batismo de Fogo", "Pantaleão e as visitadoras", entre outros. Seu livro mais recente trata do episódio de Canudos.



TODO MUNDO

Contribuição Para Veneza

Não estamos falando na cidade localizada no Golfo de Veneza, mar Adriático, na Itália, nem queremos aqui fazer qualquer comparação com as gôndulas que trafegam na capital da província de Vêneto, mas simplesmente no, imaginário, time de futebol "Veneza Futebol Club", da tradicional Nêga Marta, aquela que conhece mais o nascer do sol, que seu desaparecimento no horizonte.

Um dia desses "perambulava eu, pelas bocas lá prántantas da madruça" e, mais que de repente encontro com a Nêga Marta na churrascaria São Carlos, ali onde todos os amantes da noite se encontram para terminar mais um período do dia e ver nascer o outro com o resplandecer do Sol nas águas poluídas do rio Sergipe.

Saltitando em suas sandálias salto alto, a Nêga Marta encaminhou-se em minha direção, que sentado em uma mesa de

canto, ingeria mais um copo de cerveja. "Ói Adiberto como é que é?... Tudo em cima?" Gritou a crioula da alma branca sentando-se em meu colo e acariciando a careca disfarçada do Paulo Serra. Conversa vai, conversa vem, Martinha retirou do sutium um pedaço de papel escrito a lapis e perguntou: "Como é? ... Vocês vão ou não vão contribuir para o Veneza Futebol Club?... É um time muito bom e vamos jogar na próxima semana com outra equipe de peladinhos aí".

Peguei o bilhete, ou nota para divulgação, como queiram e iniciei a leitura. Era mais ou menos assim: "Nós, integrantes ferrenhos do Veneza Futebol Club, contamos com sua colaboração para a manutenção do clube que muitas alegrias já lhe deu. Homens 100 cruzeiros e Mulheres, 50 cruzeiros". Perguntei a Marta o que significava tudo aquilo. aquela hora

da madrugada e ela não se fez de rogada: "É um time aí que estou colaborando, os meninos entendem de bola, basta me dar 100 cruzeiros e aproveitar também para fazer uma divulgação do time lá pelo jornal; convida todo mundo para o jogo, tá bom?..."

Não adiantava mesmo, tinha que contribuir com o time da Nêga. Lá se vão 100 cruzeiros. Depois de muita insistência a "minha perna" (cédula), serviu para mim e o Paulo Serra, quer dizer pagamos contribuição de mulheres, isto devido a amizade que ela tem por nós-fêz questão de advertir Nêga Marta.

Rapidamente a crioula levantou a vista, e gritou para o garçon: "Menino desce outra cerveja aí nesta mesa e outro copo, vamos beber em homenagem ao Veneza". A cerveja veio e a contribuição foi, mas não tem nada não, acho que

o Veneza vai continuar precisando de sua colaboração também, afinal jogará no término desta semana. Estou aproveitando para atender a um outro pedido da Nêga Marta, divulgando o jogo do Veneza Futebol Club. Bem... não sei onde vai ser a pelega esportiva, nem conheço a escalção do "tímão", só sei que, se é que existe, deve ser um time formado por aqueles, que como Marta, adoraram a noite, curtam uma cerveja e até pedem contribuições para uma equipe, possivelmente imaginária, mas que contribuímos satisfeitos, principalmente por sabermos que aquela colaboração é transformada em mais uma cerveja, para ser tomada em companhia da Nêga Marta, enquanto esperamos o nascer do astro rei.

Adiberto de Souza

2020 Cumbuca | 61



DESEJA
E UM F

COM...

MUITA GR

MUITA P

E

MUITO

AMOR

Como e quando você iniciou a trajetória no Folha da Praia?

Luciano Correia: Comecei na Folha da Praia em 1982. Eu estava deixando Sergipe e a UFS, onde cursava Engenharia Química, para fazer Jornalismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fiquei como uma espécie de correspondente em Salvador, fazendo relatos semanais de coisas que iam da política, cultura, jornalismo e a boêmia que marcava aquela geração.

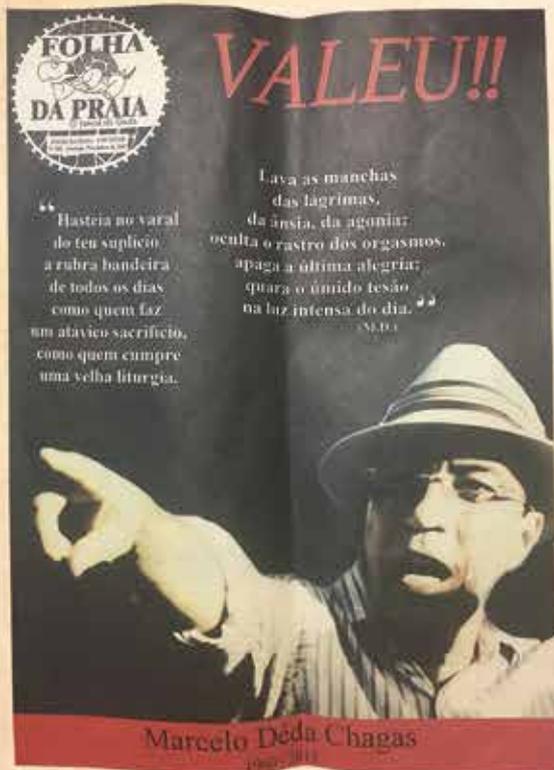
Elton Coelho: Meu início na Folha da Praia se confunde com o processo de redemocratização do país, dois anos após a queda da ditadura militar, lá pelos anos de 1987. Eu já acompanhava e lia a Folha quando ia comprar a Tribuna Operária na Rodoviária Nova, aos sábados, e ela sempre estava lá à disposição do público, na banca. Lia Barbudo's, Luciano Correia, Marcelo Déda, Fernando Sávio e tantos outros escribas que contextualizavam opiniões políticas e sarcásticas, misturada ao humor inteligente que sempre prevaleceu. Aí passei a escrever artigos opinativos. Né que em um dia o Amaral Cavalcante, ainda sem me conhecer, publicou um dos meus leros? Foi a gota d'água pra me estimular e passar a dar os primeiros passos no jornalismo.

Antônio Passos: Em 1987 eu escrevi alguns artigos sobre música para o jornal Pipiri, publicado pela Secretaria Municipal de Cultura de Aracaju, onde eu trabalhava. A jornalista Ilma Fontes, então editora do Pipiri, me levou até a redação do Folha da Praia e me apresentou a Amaral Cavalcante. Já naquele primeiro contato fui convidado a escrever para o Folha. Inicialmente publiquei alguns textos avulsos, mas, logo em seguida eu estava indo todas as tardes para a redação do semanário, participando das badaladas entrevistas e assinando a coluna Novas Tendências.

Ter participado enquanto colaborador contribuiu para sua vida profissional? Se sim, como?

Luciano Correia: Muito. Primeiro, porque, desde o começo, comecei a construir um público, e isso foi fundamental para eu estabelecer uma conversação com eles, uma relação dialógica. Depois, porque eu militava no movimento estudantil na UFS e depois na UFBA, vivendo na lendária Residência Universitária do Corredor da Vitória, portanto marcado por um modo de vida radicalmente alternativo. E o Folha sempre foi o berço dos alternativos e malditos de Sergipe, um semanário onde se fazia jornalismo de denúncia, de humor, mas, sobretudo, se abria para o jornalismo literário, o *new journalism*. Com a caretece descomunal que sempre caracterizou nossa imprensa, a FDP trazia o frescor, a ousadia e o desbunde de uma geração irreverente que imprimiu para sempre sua marca na comunicação sergipana. Tínhamos jornais segmentados como o Movimento (político), o Lampião (causa gay) e o Pasquim. A Folha era o Pasquim da terrinha.

Elton Coelho: Eu diria que a Folha da Praia foi a faculdade da minha vida no jornalismo. Em 87 entrei para a UFS e passei a escrever com maior intensidade. Eram artigos semanais, embora nem sempre publicados, sobre o cotidiano da cidade, do Brasil, ou querelas políticas – à época já militava no PCdoB e no DCE da UFS. Era diretor de Imprensa e fazia os releases da entidade, prontamente aceitos pela Gazeta de Sergipe e jornais de Sergipe, da Manhã e Cidade. Vivi a escrita oficial. Mas era no Folha que me divertia, aprendia o jornalismo com as lições semanais de Amaral Cavalcante. Teve um episódio que quase deixei de escrever lá, não fosse o “tirocínio” apurado e faro dele. Aprontei um destes artigos para publicação e fui até o prédio do jornal, no edifí-



Capas com homenagem ao governador Marcelo Déda e à bailarina Lu Spinelli

cio Norcon, na rua São Cristóvão. Passou-se três semanas e nada. Resolvi telefonar, pelo que a secretária Rivanda, pessoa de bons tons, mas muitas vezes mau humorada, deu-me uma resposta desafortada, tipo, “você tá pensando que é só mandar e publicar? Olhe, aqui tem fulano, cicrano, beltrano, pra depois vir o resto”. Banho de água fria que me fez repelir. Percebendo minha ausência, Amaral deu jeito de me encontrar, fazer o meio campo e trazer-me de volta à escrita, dois meses após o ocorrido. Daí passei a viver a Redação do semanário, escrevendo lá mesmo, frequentando o mesmo ambiente dos mais velhos colunistas e experimentando a “condição de estagiário do jornalismo”, sob a batuta da Olliveti 98.

Antônio Passos: Na época não existiam faculdades de Comunicação Social em Sergipe. Os jornalistas eram formados

nas redações dos jornais e assim se deu a minha formação, no Folha da Praia. Eu iniciei como colaborador, mas, logo passei a ser remunerado semanalmente e, entre junho de 1991 e abril de 1996, tive minha carteira de trabalho assinada como Auxiliar de Editoria do Folha da Praia. O aprendizado no Folha me credenciou como jornalista. De lá para cá trabalhei como servidor público na Prefeitura de Aracaju e no serviço público federal. Em todas as repartições pelas quais passei exerci funções na área de Comunicação. Convidado por Luiz Eduardo Oliva, editei um jornal dedicado à cobertura de uma reunião do Clube de Reitores das Universidades Brasileiras, ocorrida em Sergipe. Criei e editei, em parceria com Paulo Lobo, a revista Movimento. Editei por um tempo o jornal do Sindicato dos Policiais Rodoviários Federais em Sergipe. Entre 2013 e 2014 conduzi o programa Contraponto

na TV Aperipê. Hoje colaboro com artigos avulsos para o Jornal do Dia e para a revista Cumbuca. Tudo isso foram desdobramentos do aprendizado que tive na redação do Folha da Praia, orientado por Amaral Cavalcante e outros brilhantes jornalistas, entre os quais Luciano Correia.

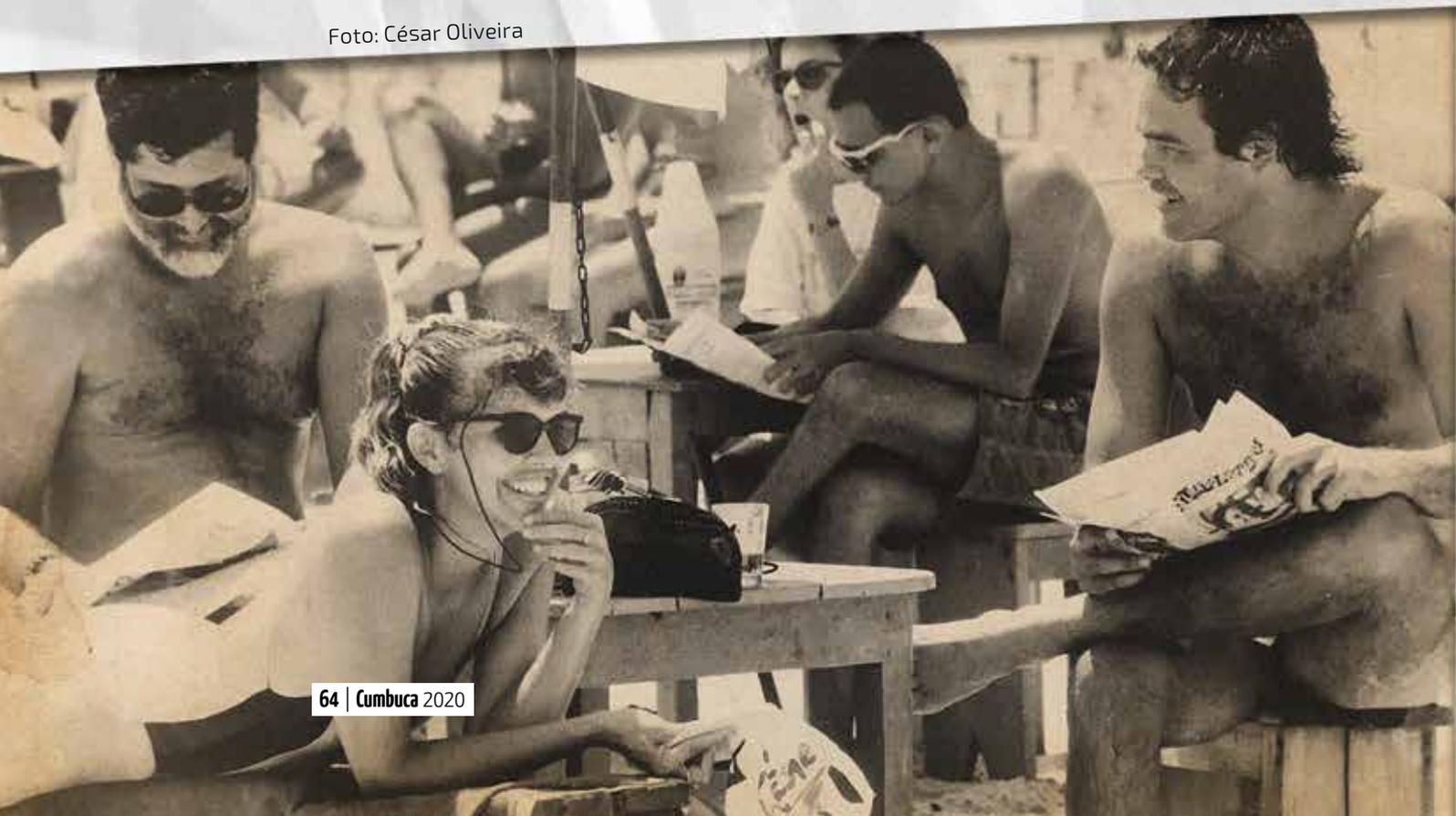
Nas décadas de 1980 e 1990 o jornal causou bastante movimentação na cidade, sobretudo na região da Atalaia, pois gerava expectativa dos fiéis leitores que aguardavam semanalmente a publicação. No que diz respeito a esse quesito, tem alguma experiência que lhe marcou, visto que os jornalistas eram também responsáveis pela distribuição do material?

Luciano Correia: Entregar o jornal nas praias era outra experiência incrível, sobretudo quando íamos os jornalistas que faziam o FDP: Amaral, eu, Fernando, Barbudo's, Cleomar Brandi etc. Porque, embora fôssemos todos muito malditos (e mal vistos também), a gente curti aquela relação de sub-celebridade, porque tínha-

mos uma maravilhosa legião de seguidores. Fazer um jornalismo escrachado era um irremediável prazer e a cidade cumplicia com a gente.

Elton Coelho: Como já era “quase da casa” graças ao Amaral, vivi na Folha dois momentos cruciais. O editor chefe passou a me remunerar pelos artigos que publicava, as entrevistas políticas que conseguia – rolava 20% de comissão – e fui também vender anúncios. Anúncios? Isso mesmo. Cada tablete de anúncio comercial, eu faturava 30% de comissão sobre a venda. Era escritor, vendedor de rodapé e articulista político (risos). Mas isso me deu cancha. A espera pela publicação semanal foi benéfica. Ela me fez um colunista da Folha da Praia. Foi Amaral quem me deu a responsabilidade de assinar a Coluna “Senadinho”, com notas políticas, cujos interesses contracenavam com minhas fontes de informações – era atuante como servidor da Assembleia Legislativa e com dois amigos vereadores na Câmara (Ruy Dória e Joel do Cartório) – e as nuances do semanário, que tinha o olhar

Foto: César Oliveira



fixo de Amaral sempre colocando o jornal na “crista da onda”. Esse foi um fato marcante.

Antônio Passos: No início da década de 1980 a Atalaia frequentada regularmente por banhistas, sobretudo os que lá chegavam de ônibus, aos sábados e domingos, era uma faixa de areia que não passava de um quilômetro de extensão: do antigo Salva-vidas ao Clube dos Médicos. A primeira vez que vi a Folha foi sendo distribuída naquele curto pedaço de areia que concentrava todo mundo. Era uma festa: uma galera bonita e descolada distribuindo um jornal que trazia fotos feitas naquela mesma praia, na semana anterior. Na época eu curti as fotos, as ilustrações e lia o horóscopo, que era bem sarcástico e divertido.

O Folha da Praia faz o jornalismo alternativo, diferenciando-se do jornalismo engessado que são vistos nos tablóides tradicionais. Em âmbito local, você vê alguma produção que se assemelhe ao Folha da Praia? Acredita que falta mais disso no Estado?

Luciano Correia: Com características parecidas não vejo nada, mas é complicado fazer essa comparação em tempos diferentes. Com a internet e a convergência de meios, toda aldeia dialoga com o mundo, de forma que há um dinamismo extraordinário nas linguagens, na formulação de novas gramáticas em novas ferramentas que se criam. Tem gente boa demais por aí, mas trabalham em outros formatos, que já não lembram muito os tablóides dos anos 70 e 80 do século passado. No nosso estado falta tudo: onde há um veio criativo, um frescor de linguagens novas, infelizmente, há o bicho da ideologização contaminando o discurso e as práticas. Mark Lilla fala disso em “O progressista do ontem e do amanhã”. A

Foto: César Oliveira



luta indentitária pulverizou as causas gerais da esquerda no mundo inteiro. Então, você encontra uma juventude muito criativa, com uma energia enorme para fazer as coisas, mas está circunscrita num gueto sectário, refém do discurso e das verdades que resolveu chamar de suas.

Elton Coelho: Creio que a revista Cumbuca faz um bom retrovisor deste texto na espinha dorsal das coisas do cotidiano da nossa cultura, da nossa gente, porém, com o advento da modernização da comunicação, com a internet e seus repiques – blogs, colunas diárias, mídias sociais etc, – sinto essa falta do humor mais aguçado e contextual que o Folha sempre fez. A gente esperava a publicação da Folha da Praia aos sábados. Cansei de fechar o jornal, junto com a moçada na sede do edifício Norcon, às quintas à noite, colando as colunas na “boneca do jornal”, com cola tenaz, reduzindo textos, fazendo copidesque sob o olhar atento de Amaral, para depois tomar “a saideira” na churrascaria São Carlos, na rua da Frente, após longo dia de revisão de textos e arte final. O Folha foi a expressão cultural da cidade, dos becos, dos bares, dos cabarés, da poesia, do teatro, do cinema, da liberdade e do respeito às minorias e às diversidades sexuais e religiosas. Hoje não vemos mais este esforço porque tudo está quase pronto, feito um “fake news”, que mutila a verdade, escamoteia os truques e enfraquece o romantismo do jornalismo. Alguns blogs ainda se superam e trazem temas ao debate, e posso citar a coluna de Jozailto Lima, também meu contemporâneo de jornal, dentre outros poucos. No entanto, creio que o espírito e a forma como o Folha foi criado e se manteve por tanto tempo, este está quase abolido. Uma pena!! Os tablóides de hoje fazem “mequetrefe”. Vamos ver no que dá!!

Antônio Passos: Quando comecei a participar da distribuição do Folha, por volta da virada da década (80 para 90), a Atalaia já havia se expandido muito. Tanto que, a distribuição passou a ser feita nos bares, nas noites de sábado. Por conta desse forte processo de dilatação pelo qual passou a Atalaia, do ponto de vista do impacto, ali já era notória para mim certa diminuição da força do Folha. Entretanto, o Jornal ainda mantinha uma enorme simpatia entre tradicionais frequentadores da Atalaia. Além disso, mantinha uma boa dose de irreverência editorial e fazia uma solitária cobertura da cena artística, incluindo as expressões mais alternativas. Tudo isso, continuava renovando, em alguma medida, o público leitor do jornal. Distribuir a Folha pelos bares da Atalaia ainda foi para mim experimentar um pouco do sabor de, talvez, uma pequena e positiva fama local, pois, os leitores, de modo geral, sabiam que as pessoas que distribuíam eram as mesmas que escreviam e editavam o jornal.

Vi circular em Aracaju muitos jornais e revistas alternativos, nitidamente inspirados pelo fenômeno Folha da Praia, porém, nenhum desses sequer se aproximou do impacto causado pela velha Folha da Praia, no início dos anos 1980.

De modo geral, o que ter trabalhado com Amaral Cavalcante lhe trouxe como experiência?

Luciano Correia: Amaral, o único sergipano que carrega a alcunha de ‘O Poeta’, é um estupendo produtor cultural, um intelectual adiante de seu tempo e com a vantagem de não carregar o bolor das academias. Diferente da quase totalidade dos velhos jornalistas, não se deixou obsolescer com a idade, de modo que atualmente faz uma das melhores literaturas, não de Sergipe, mas do Brasil. E sabia editar jornal como ninguém.

Elton Coelho: A experiência e convivência com Amaral Cavalcante foi doce, como tem de ser a vida, espinhosa às vezes, salgada, como uma succulenta jabá, e empolgante como um pai ensina, de maneira correta e eficaz, o bom caminho ao seu filho. Tornei-me jornalista no Folha da Praia, em que pese haver concluído o curso de História na UFS, e Jornalismo, na UNIT, à época Faculdades (FITs). Foi na Folha que ralei a “bunda na redação”, discutindo, xingando, aprendendo, brigando para a notícia virar realidade. Lá também me tornei colunista político, redator, articulista e entrevistador. Minhas duas primeiras grandes entrevistas em forma de cervejas, vinhos e tiragostos, ao lado de convidados de Amaral Cavalcante, foram compartilhando momentos com Brayner, Gilvan Manoel, Jozailto, Eugenio Nascimento, César Gama, Luciano Correia, Antônio Passos e tantos outros. Lembro-me de duas: o então governador Antônio Carlos Valadares e o ex-prefeito Jackson Barreto, só pra pontuar outras tantas. Mais que isso, a Folha da Praia ampliou horizontes e me fez perceber que o mundo do jornalismo nos torna românticos, ásperos, tenebrosos, audaciosos, corajosos e complacentes. Às vezes você enxerga, mas não quer ver. Às vezes você vê, mas não pode publicar. E às vezes você se delicia pelo prazer de estampar a verdadeira notícia, doa a quem doer. Tudo isso eu vivi na Folha da Praia. Uma escola inteligente do humor, do sarcasmo, da piada sem ser pronta, do jor-

nalismo aviltante, da vida, do cotidiano que expressou “a dor e a delícia” de uma geração que lutou, combateu, viveu e escreveu parte de nossa história. E o tapete deve ser estendido a Amaral Cavalcante. Tá dito.

Antônio Passos: A minha relação com Amaral Cavalcante, durante anos, foi cotidiana e ampla. Começávamos nos encontrando nas terças-feiras, na redação do Folha, no edifício da SCAS – esquina da rua da Frente com a São Cristóvão. Até a sexta era a luta e a alegria para finalizar e edição do jornal. Aos sábados pela manhã eu acompanhava a impressão na gráfica e à noite fazíamos a distribuição pelos bares da Atalaia. Sempre encerrávamos a madrugada em atitude boêmia. Durante aquele tempo conquistei (ou fui conquistado) pela amizade doméstica do poeta. Além de toda a orientação profissional que me foi transmitida por Amaral na área do jornalismo, a indelével presença dele em mim é existencial. Muito ou pouco do que sou foi tocado pelas indomáveis brutalidade e ternura do poeta.

Muitas vezes, entre risadas e reunidos com o poeta, imaginávamos um futuro para o Folha: Amaral sentado em uma mesa num canto, caducando e colando papéis inúteis, tratado carinhosamente por todos... Nós, os mais jovens de então, estaríamos nos computadores fazendo o jornal de verdade. Nada disso aconteceu. Ou melhor, aconteceu para o bem da nossa imaginação e das nossas memórias... 

Cândida Oliveira
e **Gabriel Menezes**

COLABORADORES

Jordão de Oliveira

poeta-pintor: primeiros anos

Gilfrancisco Santos*

Este ano, nosso poeta-pintor completa 120 anos de nascimento. Aracajuano dono de um colorido discreto na sua obra, com equilíbrio das massas e sutilezas de luz e sombra, consegue interpretar seus modelos com semelhança. Jordão de Oliveira foi pintor, desenhista, poeta e docente das disciplinas de pintura e modelo vivo da Escola Nacional de Belas Artes.

Jordão Eduardo de Oliveira Nunes, nasceu a 13 de outubro de 1900, em Aracaju, filho de Domingues Nunes e Júlia Oliveira Nunes, casou-se por duas vezes, Laura sua primeira esposa e Dulce a segunda, tendo desses relacionamentos três filhos, Laura, Virgínia e Jordão. Por ter perdido os pais nos primeiros anos da infância fora criado juntamente com a única irmã pela tia Emília de Oliveira. Jordão iniciou seus estudos sobre arte sob a influência do mestre Quintino Marques (1877-1942), catedrático no colégio Atheneu Sergipense, da cadeira de desenho nas primeiras décadas do século XX. Desde os quinze anos, Jordão já produzia retratos por encomendas:

Vontade continuada, espírito lúcido, desde a puerícia vem revelando natural pensador para as artes. Na idade em que todos brincam inconsideradamente, ele já procurava idealizar a realidade: não raro o haviam de encontrar contemplando, aparentemente distraído, uma cousa qualquer, uma paisa-

gem... Quando não, vê-lo-iam, carvão em punho, tentando realizar o ideal. As calçadas de residência, os muros vizinhos transformavam-se, então, em telas de sua febre visionária... 1

Em 1917 trabalhou no Recife como ferroviário na empresa Tramway e no ano seguinte contratado como marítimo da Costeira. Decidido a investir na sua profissão. Em 1919 Jordão juntamente com dois jovens artistas sergipanos, resolve criar um Centro Artístico na Praça Tobias Barreto nº27, na verdade um modesto atelier. Em 1921 mudou-se para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola Nacional de Belas Artes, tendo como professores João Batista da Cunha, Lucílio de Albuquerque e Rodolfo Chambeland. A ENBA, hoje instituição oficial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujas primeiras atividades datam de 1816, quando se estabeleceu o ensino oficial das artes plásticas no Brasil, como resultado da chegada da Missão Artística Francesa.

No início do ano de 1922, Jordão publica o artigo “Horácio Hora” questionando a cópia da Virgem da Conceição, do artista barroco Barolomé Esteban Murilo, oferecido pelo copista à igreja Matriz de Aracaju. Sobre a tela de Horácio Hora, óleo sobre tela (1878) Jordão tece alguns comentários, no que diz respeito ao local da instalação da pintura:

1 Jordão de Oliveira, R. F. Aracaju, Diário da Manhã, 28 de outubro, 1924.



Autoretrato
Carvão (1916)

*Publicada
na revista Fênix*

R. Hora
1916

Obra de grande valor artístico-histórico, dado vigor de técnica de que se apossara o pintor conterrâneo, cremos seja igual ao original. Quanto isto ignoremos, não podemos deixar de admirar a correção do desenho, o modelado e a perspectiva área

daquelas figuras. Só os desenhos de Horácio Hora bastariam para atestar o seu incontestável merecimento. Infelizmente, porém esses mesmos que ainda restam estão ameaçados de destruição. A que parecia mais protegida, esta, talvez por um excesso



Euclides da Cunha Desenho (1917)

*Cedida pela Revista
Bibliográfica*

de zelo, não está bem colocada. Tratamos da “Virgem”, de Murillo. Vimo-la no teto da então Catedral dessa cidade. Devemos dizer que a tela é muito pequena para um teto daquele tamanho. Fica desarmônico. Para que houvesse harmonia fora preciso que toda a decoração tivesse como centro a tela, isto é, partisse daí até a barra inferior das paredes laterais, como uma encíclica da cor. Mesmo assim não agradaria, porque a pintura central sobre não ter a perspectiva própria de “plafonnier” é rembrontesca. Obrigaria a uma decoração toda escura, toda fúnebre, incompatível com as toalhas de linho dos altares e a simplicidade encantadora de Jesus. **2**

2 Horácio Hora, Jordão Oliveira. Aracaju, Diário da Manhã, 20 de janeiro, 1922.

3 Exposição - Jordão de Oliveira, C. G. Aracaju, Diário da Manhã, 8 de junho, 1924.

4 Noticiário. Diário Oficial do Estado. Aracaju, 8 de junho, 1924.

5 Noticiário. Diário Oficial do Estado, Aracaju, 10 de junho, 1924.

Primeira Exposição

Sobre sua exposição na Biblioteca Pública, o jornalista do Diário da Manhã comentou suas impressões sobre a abertura da exposição de pintura de Jordão de Oliveira, como um motivo de encantamento espiritual:

Reservando-nos para mais de espaço lhe fixar a diretriz emocional, com uma impressão detalhada e sincera dos novos trabalhos de Jordão de Oliveira – neste minuto em que expõe os lindos frutos pacientes do seu ardente labor, limitamo-nos a dizer-lhe cordialmente, como um bom presságio: – Salve, doce companheiro, pela tua coragem indômita. A fé move os teus passos para o futuro. Seja para diante menos ensoalhada e pedregosa atua estrada. Ao fim encontrarás um banco de pedra, à sombra com a música de um próximo regato. Não longe, no bosque, à moda grega, ninfas dançarão. E adormecerás contente. **3**

O Diário Oficial do Estado registrou todos os passos do conterrâneo Jordão de Oliveira, durante sua estada em Aracaju:

“Esteve ontem, no Palácio, o jovem pintor sergipano Sr. Jordão de Oliveira, que ali foi convidar o Sr. Presidente do Estado para assistir à inauguração da sua exposição, que se realiza hoje, às 3 horas da tarde, na Biblioteca Pública.”**4** Dois dias depois registrou comparecimento do Presidente à exposição:

O Dr. Graccho Cardoso, em companhia de sua exma. senhora esteve domingo à tarde, na Biblioteca Pública, em visita à exposição de pintura do jovem e promissor artista sergipano Sr. Jordão de Oliveira. O Presidente do estado, que teve excelente impressão das qualidades do novel pintor patricio, o qual dia a dia desenvolve as suas superiores aptidões, felicitou-o vivamente pelo êxito que os seus trabalhos alcançaram. **5**

O repórter do Correio de Aracaju analisando o talento do jovem pintor, por ocasião da sua exposição na Biblioteca Pública do Estado, publica em sua edição do dia seguinte um artigo não assinado en-

dossando a crítica especializada:

Faz algum tempo dissemos, nesta mesma página, que os mestres de Jordão se não envergonhariam de assinar as telas do jovem pintor sergipano, cuja modéstia, aliada a uma altivez admirável, não permitiram ainda estardalhaço em torno de sua personalidade, inconfundivelmente artística.” 6

O Sergipe-Jornal também se fez presente no grande acontecimento

A exposição de quadros que ele acaba de fazer num dos salões da Biblioteca Pública de nossa capital, devidamente examinada e admirada, é de sobejo uma prova eloquente de que esse jovem sergipano já não é, na arte que abraçou uma simples revelação, porém uma exata realidade, que o futuro mais afirmará e mais radiará de admirável brilho. Ali encontrará o crítico mais rigorista, a arte da pintura admiravelmente cuidada em algumas das suas modalidades. E é de ver, assim, que mais belezas do mister a que se dedica, será o jovem sergipano, um dia não longe, uma das belas figuras representativas do talento em nosso terrão amigo. 7

Mais uma vez o Diário da Manhã dá destaque a Exposição de Jordão de Oliveira, através de um longo texto assinado por Agathon, onde além de abordar o valor e a importância da exposição para Sergipe, sugere ao Estado a compra para a coleção da Biblioteca Pública de pelo menos duas telas a óleo.

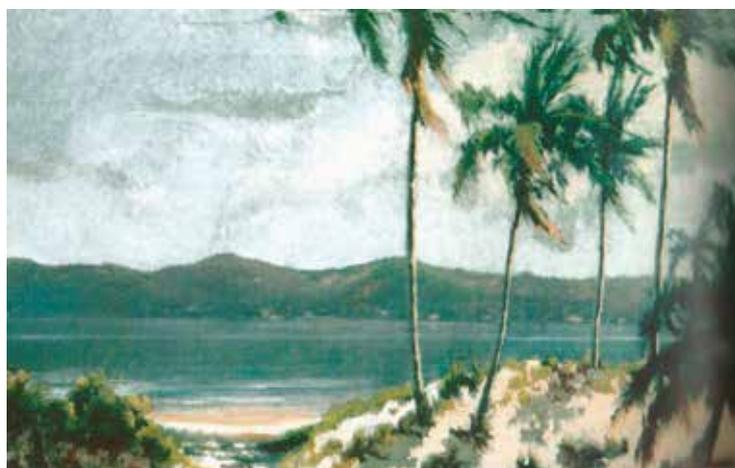
Antes que plástico, é Jordão um pincel altamente preocupado de motivos interiores, uma consciência que quer intimidar-se com as almas e trazê-las sempre à tona, numa revelação constante de sentimentos.

O olhar que possui sobre qualquer daquelas sanguíneas principalmente sobre aquele magoado retrato de moça ou aquela cabeça de rapaz devorada por perturbantes cogitações íntimas, recolhe-se tocado dum estranho sentir, vindo não da forma, do traço, da modelagem ou da atitude, mas da expressão anímica que se espalha por elas, fluida, animada, sensível, como que se insinuando no nosso coração pela compreensão de que ali vive um ser nosso irmão pelo sofrimento e pelo amor. 8

6 Exposição de Pintura. Correio de Aracaju. Aracaju, 9 de junho, 1924.

7 Jordão de Oliveira. Sergipe-Jornal. Aracaju, 9 de junho, 1924.

8 Jordão de Oliveira. Diário da Manhã. Aracaju, 10 de junho, 1924.



Pintura



Pintura (1962)

O Diário Oficial do Estado registra mais uma vez, três notas sobre a visita de Jordão de Oliveira ao Palácio Olímpio Campos, para agradecer pessoalmente ao Presidente Graccho Cardoso pela presença na abertura da exposição e doação do quadro Cabeça de Operário.

Havendo marcado há dias a sua brilhante exposição de pintura, esteve ontem, no Palácio do Governo, o Sr. Jordão de Oliveira, que ali foi em visita de agradecimento ao Dr. Graccho Cardoso, por lhe haver dado a honra de inaugurar aquele certame, bem, como para oferecer pessoalmente a S. Ex. o seu trabalho Cabeça de operário, que é uma das mais fortes e melhores produções do jovem artista sergipano. 9

Na edição de 28 de junho do mesmo periódico diz:

O Sr. Presidente do Estado resolveu ontem adquirir, para figurar na coleção de pinturas existente na Biblioteca Pública, o belo trabalho a óleo “Adormecida”, do jovem pintor sergipano Sr. Jordão de Oliveira, o qual figurou aqui na sua última exposição de arte. 10

Finalmente nesta mesma edição, informa sobre sua partida para o Rio de Janeiro:



Desenho

O jovem pintor sergipano Jordão de Oliveira esteve ontem no Palácio do Governo, aonde foi despedir-se do Sr. Presidente do estado, por seguir hoje para o Rio, onde vai prosseguir os seus estudos. 11

Impossibilitado de comparecer as redações de todos os jornais da capital, Jordão de Oliveira deixa uma nota de despedida publicada no Diário da Manhã:

Seguindo hoje, no Itaperuna para a Capital Federal, e não podendo despedir-me pessoalmente de todos os amigos, o faço por este meio, oferecendo os meus préstimos ali, onde provisoriamente vou fixar residência. Aj, 28 - 6 Jordão de Oliveira”. 12

Na Capital Federal

Em outubro de 1924 Jordão de Oliveira se encontrava no Rio de Janeiro, e da capital federal envia o artigo “Exposição Geral de Belas Artes”, onde relata os acontecimentos do Salão de Belas Artes, tecendo comentário sobre as obras de alguns artistas participantes da XXXI Exposição Geral, como: Baptista da Costa, Eliseu Visconti, Oswaldo Teixeira, Cândido Portinari, Garcia Bento, Vicente Leite e João Pharion:

Entre os hors concurs salientam-se Gutmann Bicho e Marques Junior. Este enviou duas telas de grandes proporções. Serenidade (painel decorativo) é uma paisagem esmeraldina, de um lago adormecido, todo coalhado de nenúfares, onde algumas virgens se isolam despercebidas. Como ar livre não tem retração nenhuma. Parece mais um interior. Gutmann Bicho, o homem dos retratos duros, tratados a preto e ter-

9 Noticiário. Diário Oficial do Estado. Aracaju, 21 de junho, 1924.

10 Noticiário. Diário Oficial do Estado. Aracaju, 28 de junho, 1924.

11 Noticiário. Diário Oficial do Estado. Aracaju, 28 de junho, 1924.

12 Seção Livre. Diário da Manhã. Aracaju, 1º de junho, 1924.

ra de Sienne voltou da Europa pontilhista a Hemi Martin. Expõe um retrato que se ele não fosse membro do júri bem mereceria a medalha de ouro. A sua pintura é boa e das melhores, atualmente. As mais estão mal representadas. **13**

Devido à impossibilidade, por circunstâncias materiais de continuar o curso que vinha fazendo na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, o Presidente da Província Graccho Cardoso, através de decreto, concedeu-lhe uma pensão mensal de duzentos mil réis, a fim de que ele pudesse prosseguir o curso:

DECRETO Nº 881 – de 25 de junho de 1924

Concede a pensão de 200\$000 mensais ao pintor sergipano Jordão de Oliveira, para prosseguir nos seus estudos na Escola Nacional de Bellas Artes.

O Diário da Manhã de 29 de outubro publica o artigo de Jordão de Oliveira, Correspondência – I, datado do Rio de Janeiro, 16 de outubro, onde o artista plástico escreve sobre os últimos acontecimentos sobre a vida artística da capital federal:

Em fins da década de vinte, acidentalmente Jordão levado por Gianni, funcionário do leiloeiro Virgílio, na casa da praia de Botafogo, “onde se achava reunida, para ser vendida ou leiloadada, grande parte da coleção de arte do extinto diplomata.” Ao chegar à referida residência, Jordão de Oliveira foi surpreendido por uma tela (nu, em tamanho natural) que chamou sua atenção, tratava-se de Outono, de Horácio Hora. **14** Ao deixar a residência foi ao encontro do ex-presidente do Estado, Graccho Cardoso que era deputado federal por Sergipe e após

ouvi o relato, ambos se dirigiram a Botafogo com o propósito de ver a obra do artista contemporâneo, relata Jordão de Oliveira: “O preço pedido era como se ignorassem totalmente o mérito do autor. O dr. Graccho acabava de entregar, naqueles dias, sua casa de Ipanema, por não poder arcar com as responsabilidades das prestações combinadas. Desejou possuir a tela, à vista do preço pedido, mas não lhe sendo possível, pela exigência da hora, correspondeu-se rápido, com o Governo de Sergipe. Este fez votar e sancionar a verba ridícula de vinte e cinco contos. Infelizmente, ela aqui não chegou.” **15** Anos depois, quando encontrava-se em Juiz de Fora a convite de Geralda Armond a pintar o retrato do prefeito local para o Museu Mariano Procópio, a encontrou como acervo do mesmo.

Através da coluna Correio Social, o jornalista Pires Wynne escreve sobre Jordão de Oliveira:

Jordão é não resta dúvida, um símbolo. É sinceridade, talento e esforço. Hoje, nos tempos correntes, raríssimas vezes encontramos essas qualidades unidas, assim, numa harmonia tão perfeita. Os que como Jordão reúnem todas três, são criaturas trabalhadas para viverem isolados no meio da agitação do mundo moderno, onde só podem alçar vôo os que mercantilizam o espírito fecham os olhos aos espetáculos da natureza, e contentam-se apenas com os sucessos efêmeros da vida. Jordão é um vencedor, um vitorioso que, graças ao seu próprio esforço, sem desânimo, e ao seu talento, se escandalosas exibições e cabotinismo, consegue chegar quase ao tempo sem quebra de sinceridade e sem mercadejar o ouro do seu espírito. **16**

Um mês depois, esse mesmo periódico publica mais um artigo de Jordão

13 Exposição Geral de Belas Artes. Jordão de Oliveira. Aracaju, Diário da Manhã, 1º de outubro, 1924.

14 Outono, óleo sobre tela, 260 x 120, pintada em 1886 na Europa. Hoje se encontra na Galeria Maria Amália Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora - MG.

15 Caminhos Perdidos. Jordão de Oliveira. Rio de Janeiro, Gráfica Ouvidor, 1975.

16 de Aracaju. Aracaju, 7 de fevereiro, 1930.



Livros

Respectivamente
1975, 1976 e 1980

de Oliveira, Elyseu d'Ángelo Visconti, pintor brasileiro (1866-1944), apesar de ter nascido na Itália, com menos de um ano de idade emigrou com seus pais para o Brasil, onde estudou no Liceu de Artes e Ofícios e na Academia Imperial de Belas Artes.

Os proprietários da Casa Amador, de Aracaju, querendo incentivar os sergipanos à apreciar a arte fotográfica, instituiu um concurso para amadores, em homenagem ao jovem pintor Jordão de Oliveira, que em breve chegará à Aracaju. Registra o Correio de Aracaju:

A Casa Amador põe à disposição dos amadores da cidade as suas máquinas fotográficas para que sejam focalizados aspectos da chegada do nosso ilustre e jovem conterrâneo dando, como prêmio à vista da melhor fotografia apresentada, uma artística ampliação. Não festa dúvida que o pequeno concurso que Casa Amador institui merece os nossos aplausos e deve se acolhido com carinho pelos que se dedicam à arte fotográfica, seja moço ou moça. 17

Impressões de Arte, sobre a exposição de Jordão de Oliveira, artigo escrito por C. Paula Barros transcrito do Jornal do Brasil, edição de 15.12.1928 pelo Correio de Aracaju, em virtude da homenagem que seria prestada ao pintor sergipano, promovida pela Academia sergipana de Letras e à Hora Literária Santo Antônio. Vejamos um trecho:

Jordão de Oliveira, se não tem ainda a notoriedade que advem, em regra, do contato do artista com o seu público tê-lo à, em tempo mais curto do que talvez ele mesmo possa julgar. Pode-se dizer, sem favor, é da moderna geração de pintores uma das mais fortes e mais belas organização quer pela independência, pelo corte do desenho, pela concepção e desenvolvimento dos seus quadros que todos se baseiam num impressionismo viril, em que o ambiente brasileiro ressalta não prevendo o sucesso pelo escandaloso dos temas, pela blague, em que o chulo dos motivos contrista - mas pela realidade do meio, pela luminosidade dos tons, pelos matizes e pela sentimentalidade. A maneira dos mestres do impressionismo, à feição maravilhosa da paleta de Claude Monet, Jordão de Oliveira apenas com as cores do Iris debuxa e pinta, mancha e estiliza a grande alma da Natureza. Nada de "terras", nada de "sombrias" o seu colorido se às vezes é um tanto irreal é, entretanto, cristalino e a um tempo suave e rigoroso. Dissemos colorido irreal. Sim que o paisagista cede, por vezes, o lugar ao decorador, para sonhar uma sombra imprevista ou um tom mais penetrante. Na feitura do retrato como expressão e valor psicográfico Jordão de Oliveira nos parece já um grande expoente. Através do olhar das suas figuras, sente-se a alma exteriorizada no jogo fisionômico e no gesto. Terá defeitos o pintor? - Por certo que os tem - a perfeição é pedra angular na relatividade

17 Correio de Aracaju. Aracaju, 7 de abril, 1930.

– mas os seus predicados de mérito dão ao jovem artista um saldo de tal monta, que lhe assegura um êxito fácil de prever. 18

Projeção/Homenagem

Devido à sua projeção como artista renomado, Jordão de Oliveira recebe de Paris uma correspondência dos editores de arte, Bernheim Jeune & Cie, solicitando para representá-lo através de sua firma em Paris. Trata-se de uma firma que negocia com quadros e artistas já notáveis e o apelo feito ao nosso patricio representa, por si mesmo, uma alta distinção. A Carta foi publicada (em francês) no Correio de Aracaju, 10 de abril, 1930.

As repetidas provas do valor do artista, dadas a ver na capital federal, são uma afirmação segura do seu indiscutível talento. Em 1930 as instituições Academia Sergipana de Letras e a Hora Literária Santo Antonio articularam uma homenagem a Jordão, liderado por intelectuais amigos: Passos Cabral, Garcia Rosa, Rubens e Jacintho Figueiredo, Silva Ribeiro Filho, Pires Wynne, João Daniel e outros, programando um evento realizado no salão nobre da Biblioteca Pública em março, com programação extensa.

Finalizando sua primeira fase, o jornalista Tapajós Gomes publica no O Malho em 1934, uma belíssima entrevista sobre Jordão a qual descreve sua residência/atelier, além de apresentar três novos quadros:

A velha e tradicional Rua Carvalho de Sá, ali no começo das Laranjeiras, há uma porção de casas grandes, umas defronte das outras, que devem ter sido muito respeita-

das no seu tempo, como palacetes de residências de famílias importantes da época. A fachada, o estilo, a altura, os jardins, tudo conserva um ar de coisa antiga e permite que, naquele trecho de Rua, ainda se respira um pouco do perfume do passado, que vai ficando cada dia mais distante. Em umas dessas casas, a dois passos do largo do Machado e a um da igreja de N. S. da Glória, num pequeno quarto que dá para a Rua e para o jardim, mora Jordão de Oliveira. Não é um porão, mas um andar térreo, à antiga, ao nível do solo, e com umas janelas tão baixas, que qualquer criança, do lado de fora, pode ver tudo quanto dentro se passa. É um misto de sala de estar, quarto de dormir e atelier. Basta atentar para o que ali se vê: Uma mesa, uma cama, uns cavaletes e alguns quadros. Livros, armários de roupa e caixas de tintas. E no meio de tudo isso, Jordão. Jordão é um tipo paradoxal. Tem um tique nervoso, que se manifesta a cada instante, e parece ser o homem mais calmo deste mundo! Passa os dias trabalhando entre as ilusões de um artista que sonha e as realidades do homem que luta, entre as emoções do pintor que cria e as amarguras da criatura que sofre. Ele tem o espírito adaptado ao ambiente em que vive e produz, mas conserva ainda, com doze anos de Rio de Janeiro, alguma coisa da bondade pura, e muita do sotaque característico do provinciano artista. E Jordão é bem o provinciano que saiu do seu torrão natal, em busca de aventuras. Quando começamos a conversar tive a impressão de encontrar-me diante de um cético. Mas enganei-me. Não era bem um descrente. Era antes, um displicente. Ou talvez, um “blagueur”. 

18 Correio de Aracaju. Aracaju, 8 de abril, 1930.

***Jornalista, professor e autor de vários livros**

OBRIGADO,
OBRIGADO,
Amaral Cavalcante!



CUMBUCA Nº 27

Cumbuca

Maio - Ano VIII - 2020 - R\$10,00

 EDISE

AGORA
DISPONÍVEL NA

escariz

(📖🎵🎬📺)

 EDISE

